Cinearte

N. 189

NILS ASTHER

—Quasi que enloquecia

por causa de uma dôr de ouvido !

A noite passada em claro, sem que unturas nem lavagens lograssem proporcionar-lhe allivio!

Que surpresa, que milagre, quando, poucos momentos após ter tomado dois comprimidos de CAFIASPIRINA, desappareceu aquella dôr horrivel!

Eis porque a todas as suas amigas recommenda ella sempre com tanto enthusiasmo, e para qualquer dôr, a nobre e excellente

Ideal contra as dôres de cabeça, dentes e ouvido; nevralgias, enxaquecas e cólicas menstruaes; consequencias de noites perdidas, excessos alcoolicos, etc.

Allivia rapidamente, devolve as forças e não affecta o coração nem os rins!

DORES UTERINAS
UTEROGENOL
FALTA DE MENSTRUAÇÃO

Para todos...
Semanario elegante de modas, artes, letras, theatro e musica

Adolph Zukor recusou vender o seu interesse na Paramount por 90 milhões de dollars, isto é, cerca de 600 mil contos. E no entanto o capital da Paramount é apenas de 65 milhões de dollars ou cerca de 500 mil contos.

卍

O governo francez pretende filmar com sons e dialogo todo o repertorio da Comedia Française. E depois os norte-americanos é que agem ingenuamente...

卍

Jean Arthur é a irmã de Clara Bow em "The Saturday Night Kid" que muito breve vae ser iniciado no studio da Paramount sob a direcção de Richard Wallace.

Billie Dove vae fazer "The Painted Angel" e Farrel Mac Donald toma parte.

卍

Já foi iniciada a filmagem de "Jungle" de Joan Crawford para a M. G. M. Coadjuvam-ná seu marido Douglas Fairbanks Filho, Rod La Rocque e Anita Page. Jack Conway é o director.

卍

MARIETTA MILNER, MORREU — Paris, 15 de Julho — Marietta Milner, uma das mais promettedoras estrellas do Cinema allemão morreu repentinamente.

卍

Douglas Fairbanks e Loretta Young terminaram "Fast Life" para a F. N. e vae fazer mais 2 films juntos que serão, "The Forward Pass" e "The Careless Age". Isto é maldade, collocar o pobre Fairbanks Jr. tanto tempo tão junto de Loretta...

"CINEARTE"

Propriedade da Sociedade Anonyma "O Malho"

Directores: MARIO BHERING e A. A. GONZAGA
Director-Gerente: ANTONIO A. DE SOUZA E SILVA
Assignaturas — Brasil: 1 anno, 48$; 6 mezes, 25$ — Estrangeiro: 1 anno, 78$; 6 mezes, 40$
As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem tomadas e só serão acceitas annual ou semestralmente. Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro (que póde ser feita em vale postal ou carta registrada, com valor declarado), deve ser dirigida à Sociedade Anonyma O MALHO — Travessa do Ouvidor, 21. Endereço Telegraphico: O MALHO—Rio. Telephones: Gerencia: Central 0.518. Escriptorio: Central 1.037. Officinas: Villa 6.247. Succursal em São Paulo dirigida pelo Dr. Plinio Cavalcanti — Rua Senador Feijó n. 27 — 8° andar — Salas 86 e 87 — São Paulo.

Em "The Children" da Paramount, figuram Lilyan Tashman, Frederic March, Key Francis e Mary Brian sob a direcção de Lothan Mendes.

Edmundo Love foi contractado pela Pathé para figurar em "The Thing Called Love", ao lado de Constance Bennett. Paul Stein é o director. Constance, como se sabe, depois do seu trabalho em "Bulldog Drummond", ao lado de Ronald Colman, está sendo chamada por todos os studios.

卍

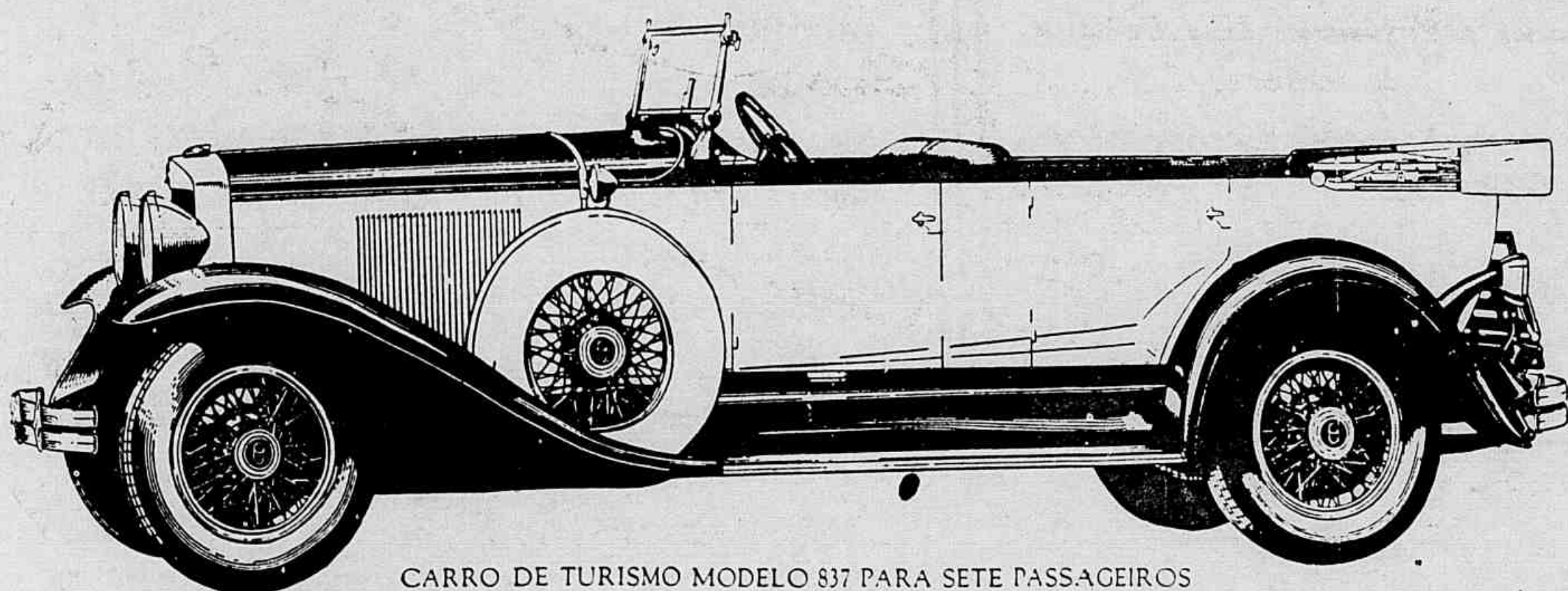
Em "Hurricare" da Columbia, estão Hobar Bosworth, Leila Hymans, Allan Roscae, Johnny Mack Brown e outros.

卍

NILS ASTHER VAE CASAR

E' a tal cousa, Nils Asther falar tanto contra Hollywood e as mulheres, que até agora ainda não voltou para Suecia e vae casar com Vivian Duncan, um daquelles irmãos que fizeram "Topsy e Eva". E a noticia que recebemos diz que elles já estão apaixonados, ha tres annos.

Bom desde o Começo

Agora Melhor

CARRO DE TURISMO MODELO 837 PARA SETE PASSAGEIROS

A Graham-Paige offerece uma variedade de typos de carrosseria, incluindo Baratas, Cabriolets, Coupés, Carros de Turismo, Sedans e Limousines, em cinco chassis de seis e de oito cylindros — a preços diversos. Todos são equipados com o cambio de quatro velocidades excepto o Modelo 612.

Apezar do primeiro Graham-Paige construido—em começo de 1928—ter sido um automovel fino que o publico immediatamente recebeu sob a reputação dos seus fabricantes—o Graham-Paige de hoje apresenta-se como um carro ainda melhor—porque esta marca esforça-se incessantemente para melhorar seu producto e conservar a confiança do publico automobilista.

Joseph B. Graham
Robert C. Graham
Ray A. Graham

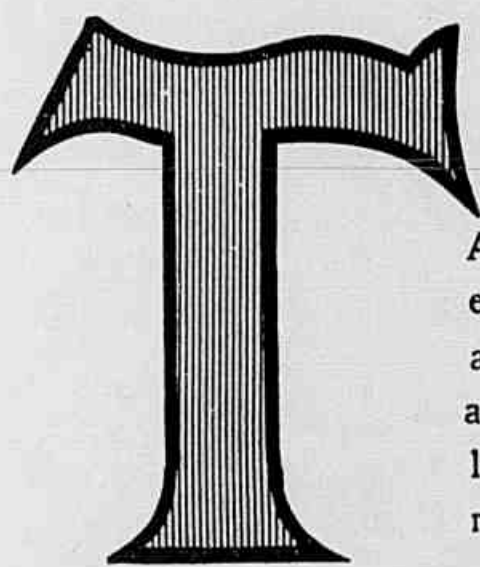
G. CORBISIER & CIA. LTDA.	J. GENTIL FILHO	DANTAS BASTOS & CIA.	WEISS, SANTERRE & CIA. Ltda.
Rua Barão de Itapetininga, 67	Praça Floriano, 55	Avenida Rio Branco, 162	Rua Sete de Setembro, 753
SÃO PAULO	RIO DE JANEIRO	RECIFE	PORTO ALEGRE

GRAHAM-PAIGE

LA JACÉE
DE COTY
Encanto e subtileza aristocraticos unidos á mais singela delicadeza.
LA JACÉE DE COTY

ANNO IV
NUM. 189

9 de Outubro de 1929

JUNE COLLYER E RICHARD DIX
EM
"THE LOVE DOCTOR"

TANTO aqui como em S. Paulo já se vae abatendo o enthusiasmo pelos films falados norte-americanos.

A novidade deixou de ser novidade é a explicação mais natural para a deserção do publico.

De facto nada pode haver de mais idiota do que uma pessoa gastar o seu dinheiro para assistir a um divertimento que acabará forçosamente por aborrecel-a, desconhecedora do idioma em que são sonorizados os films.

E' facto que temos aqui publico capaz de, por puro snobismo, frequentar companhias inglezas, allemães e até hebraicas que esporicamente nos visitem.

Mas isso é apenas para figuração e por poucos dias.

Manter esse capricho por semanas, mezes, annos, isso agora representa insuperavel sacrificio para esses martyres da tyrannia da sociedade. E fugindo do Cinema, essa gente que se julga com obrigação de achar sublimes os films falados em inglez e os applaude sem os entender, tirando o grosso publico que já se fartou da novidade quem frequentará mais os salões de exhibição? Apenas a colonia ingleza e os poucos, os raros dentre os numerosos habitantes das duas grandes cidades que conhecem o inglez.

E estes são tão poucos que não dá agora e nem darão tão cedo para garantir a exploração de Cinemas que usem exclusivamente films dialogados.

O processo pouco honesto de impingir o bagaço desses films, de que estão lançando mão os locadores, acabará por desmoralizar amplamente o espectaculo cinematographico, delles arredando o publico que do Cinema já fizera o seu divertimento favorito.

Ora, parece-nos que o momento é mais do que opportuno para cuidarmos da nacionalização da industria cinematographica.

Mudos ou falados os films nacionaes desde que satisfaçam regulamente o publico terão garantida a sua exhibição.

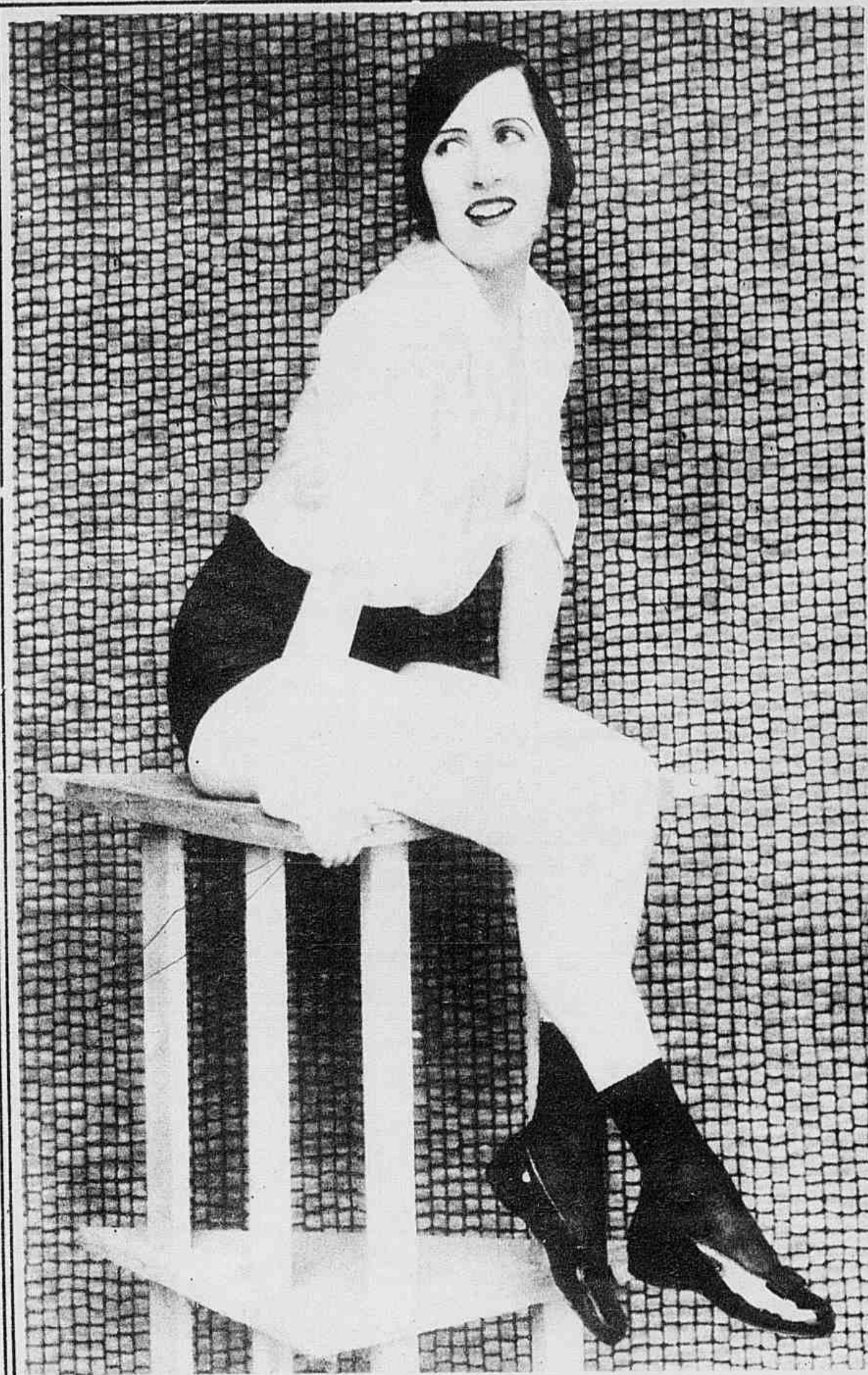
Consta-nos que Oduvaldo Vianna está cuidando do assumpto; com a sua prespicacia, já comprehendeu certamente o vasto campo que se abre agora a todas as iniciativas honestas, certo seguro o capital empregado de compensador interesse.

Ha males que vêm para bem.

O abandono por parte do productor yankee dos mercados que outr'óra sempre buscou monopolizar, tramou o ensejo para o desenvolvimento de uma industria que até agora só tem vivido á custa de sacrificios feitos por grupos espalhados aqui, ali e mais além que até agora nem um beneficio obtiveram dos seus abnegados esforços em pról da cinematographia nacional.

O que conviria, talvez, no actual momento, seria uma cooperação de esforços por parte de quantos pelo assumpto se interessam afim de se construir uma empresa forte que utilizasse os elementos que já tantos existem capazes de levarem a bom termo uma tentativa séria em pról da nacionalização dessa industria que se tornará, que poderá tornar-se o factor mais poderoso da propaganda de nossa terra.

Esta revista tem sido o maior batalhador pelo Cinema Brasileiro, — sempre animou todas as iniciativas honestas, assim como sempre combateu os cavadores da cinematographia, que estes foram sempre os que maior mal lhe fizeram entre nós.

Sentimo-nos por isso mesmo satisfeitos com as noticias animadoras que nos estão chegando a respeito. Pode ser que nos cegue o desejo de ver victoriosa a nossa campanha de tantos annos, mas parece-nos que chegou o momento que talvez nunca mais se repita de fazermos todos os esforços, cooperando todos para a solução desse problema de capital importancia para o Brasil.

CARMEN SANTOS, estrella de "Sangue Mineiro" e tambem "Labios sem beijos", em filmagen

ROLANDO DE ALENCAR, em "Escrava Isaura", da Metropole.

CINEMA

OS nossos productores estão agora menos desnorteados, com a situação creada pelos "talkies". Parecia a primeira vista, que tudo iria nos ajudar. Os films falados em inglez não poderiam passar e o mercado ficaria mais facil para as nossas producções. Entretanto, ninguem se lembrava de que nós tambem tinhamos que fazer os nossos films falar e cantar. Todos os principaes Cinemas estão equipados para os "talkies" e os films, mesmo em inglez vão passando. E' verdade que a maior parte, por emquanto, é apenas synchronizada.

Outra grande parte com um trecho apenas falado. E outra ainda, toda falada, mas revistas cinematographicas.

O film todo falado e sem outros attractivos como "In Old Arizona", "Lobo da Bolsa" e "Interference" pouco ou nenhum successo tem alcançado, se bem que como films falados, não sejam máos. O publico vae naturalmente abandonando os films assim porque não lhe póde interessar. Não servem nem para ensinar inglez. Aliás, bem pensado, tudo isso, não passa de um grande desaforo.

Na marca regisrada da companhia de Julio de Moraes e Lia Torá, não permittiram na America a apresentação de uma bandeirinha brasileira porque a censura achou que se tratava de propaganda estrangeira.

Nós aqui temos passado todo o tempo a fitar musulmanamente todas as bandeiras dos films americanos. Todos os seus couraçados. Todos os seus campeões de tennis, box e outros sports.

E, pelos films ainda, vamos modificando os nossos costumes e convencidos da grandiosidade dos Estados Unidos etc., etc., quando na verdade, o paiz do norte tem muita, mas muita cousa mesmo inferior a nós. Não bastando a propaganda formidavel que fazem do paiz, começam agora a fazer o mesmo com a sua linguagem. E nós vamos acceitando, sem nenhuma providencia official. Em varios paizes da Europa já se sabe de algumas providencias do governo.

Dirão alguns que no Municipal se representam peças em francez. Ora, é para um publico restricto e em geral de mentalidade livre de suggestão.

O Cinema vae em toda a parte com o seu incomparavel poder de convicção. Mas deixemos os "talkies" virem como quizer. Se não agradarem, o publico lhes virará as costas.

Scena de "Sangue Mineiro", da Phebo Brasil Film, com CARMEN SANTOS

Vamos tratar do nosso Cinema. Ha ahi varias pessoas a se especializarem em filmar uma scena com um disco a servir de ponto.

Compram um disco do cantador Tamandaré. Collocam uma victrola a executal-o e filmam o mesmo cantador Tamandaré ou as vezes, outro, a acompanhal-o, que já o sabe de cór, com a mesma movimentação de labios. Alguns já têm obtido até discos especiaes, os quaes são cobrados ahi por essas casas editoras a razão de 1 conto de réis mais ou menos. Os discos podem durar cinco minutos e este é o tempo para metade de uma parte commum de um film.

Depois exhibem o film acompanhado simultaneamente pelo disco, o que se consegue com um systema qualquer para manter o mesmo compasso, a mesma rotação e o mesmo numero de quadros, e está ahi a invenção de um apparelho para Cinema falado.

Tudo isso está muito bom porque está resolvendo a situação e brasileiramente. Já fazemos films "caçando com gato" na linguagem dos nossos Studios e poderemos tambem fazer synchronismo da mesma maneira. E' tambem uma boa pilheria porque a gente acaba rindo dos americanos com os seus apparelhos carissimos. Só assim os nossos ouvidos já meios azuados com tantas "breakways", "love you", what's the matter", "ok" e "All right", poderão ouvir qualquer cousa brasileira...

Poderemos mesmo deste modo, produzirmos muitos films. Acompanhal-os todos a victrola com musicas de accordo com o film e lá para dois ou tres trechos, gravar discos especiaes e obter dialogos até. Mas não poderemos chegar

NOEMIA ZITA E JULIO DANILO em "Idade das Illusões", da Beryllus.

Brasileiro de Pedro Lima

a tal ponto de patriotismo de não usarmos os verdadeiros apparelhos americanos para fazer logo com a verdadeira technica, os nossos films. Filmar e gravar no mesmo tempo. Transportal-os a todas as locações. Fazemos os nossos jornaes (Que campo vastissimo ahi!). Não fazemos films com machinas estrangeiras, Debrie, Prevost, etc? Assim apanharemos com mais facilidade as nossas musicas, as nossas toadas e as nossas vozes com toda a naturalidade na movimentação dos labios. O mal é que os apparelhos estão custando de 200 a 400 contos... Mas que diabo! Não haverá um capitalista que veja bem as nossas possibilidades agora?

O publico prefirará um film soffrivel falando em brasileiro, a um muito bom todo falado em inglez.

E será um meio decisivo de implantarmos o nosso Cinema. Aliás, já sabemos de alguns capitalistas interessados, mas é a tal cousa. Só agora apparece alguem que, está pensando um gastar 300 contos, quando o nosso Cinema Silencioso dependia as vezes de 10 ou 20 contos...

Outra scena de "Sangue Mineiro".

ODILON AZEVEDO, galã de "Veneno Branco"

porque não era bem o dinheiro que resolveria o exito de um film. A Italia tem dinheiro, fabrica de machinas e de pellicula virgem, Studios e não faz films.

O caso é que mal ou bem, silencioso ou falado, precisamos continuar. Actividade é de que precisamos. Mesmo os nossos films mediocres não tem alcançado successo?

(*Termina no fim do numero*)

Nita Ney

ESTRELLINHA DE "BRAZA DORMIDA" E UMA DAS REVELAÇÕES DE "SANGUE MINEIRO".

MIL e UMA NOITES em HOLLYWOOD

mundo se rirá de mim e dos senhores.

Em vão o director acumulou argumentos para convencel-a. Tudo foi inutil e não houve outro remedio sinão comprar ofamoso "deshabillé", tal como ella desejava. E o mais interessante de tudo isso é que em vista do formidavel exito que obteve a pellicula, a direcção fez presente do famaso "deshabillé" á Olive Borden.

A's vezes, o amor á verdade produz destas coisas...

amante fervorosa da verdade, no que concerne ás montagens e accessorios, ella se sujeita estrictamente ao texto do argumento e não ha poder humano que a faça mudar de opinião. Isto tem seus inconvenientes. Em uma scena dramatica de certo "film" em que Corinne encarna uma princeza indú, o autor marcava, como final, o suicidio da protagonista pelo romantico e velho systema das perolas envenenadas. Consiste este systema em romper com os dentes um pequeno collar de perolas artificiaes, cujo interior está cheio de um liquido que é um veneno activissimo.

— Isso eu não faço, disse Corinne pesarosa de não poder sujeitar-se estrictamente á verdade.

— E' demais! contrapoz o director — temos sido victimas tantas vezes das suas imposições em virtude do seu famigerado culto á verdade scenica, que, neste caso, cabe a nós, agora, a imposição.

— Não póde ser. Isso já não é verdade: é loucura.

HOLLYWOOD vem de encontrar agora mesmo em James Rogers o seu pintor, o seu poeta, o seu psychologo. Em uma palavra: o seu chronista.

Hollywood!

Palavra magica, cheia de mysterios, plena de promessas! As tuas nove letras possuem a força de um encantamento. Suggerem planos maravilhosos. Despertam sonhos orientalescos.

Hollywood!

Era preciso mesmo que apparecesse um James Rogers para que o teu prestigio, como terra promettida da arte, como região sempre desejada das surpresas inauditas e das realizações phantasmagoricas, em um verdadeiro scenario de lenda, — se consolidasse em definitivo.

Só mesmo um predestinado da arte poderia te retratar, Cidade Fabulosa do Seculo Vinte, assim como estás, nessa archi-preciosa joia que se chama "Mil e uma noites em Hollywood".

James Rogers, hoje o teu principe, nada te esqueceu.

Nesse livro sem igual, tu te agitas tal como és, sem a omissão de um detalhe, sem a desfiguração de um aspecto.

Nós te contemplamos no teu tumulto quotidiano, dentro dos Studios; fóra dos Studios; nas tuas horas de palpitação insuperavel em que atiras para o mundo o mundo de emoções gerado no teu ventre de deusa radiosa; nos teus anseios de aperfeiçoamento; no eterno sorriso das tuas praias e até no gris das tuas manhãs hybernaes. Nada te falta. Estás inteira, ás vezes núa, ás vezes toda vestida em gala, dentro desse livro que é o melhor poema que ainda poeta algum se lembrou de te dedicar.

Rogers, de quando em quando, se lembra de intercalar nas suas magnificas e movimentadas descripções alguns episodios da vida das mais celebres estrellas. A titulo de curiosidade vamos principiar com o — ANTES DE TUDO, A VERDADE!

O autor das "Mil e uma noites em Hollywood" conta que Olive Borden — a joven estrella que, dentro de tão pouco tempo, logrou destacar-se como artista de notaveis aptidões — é escrava da verdade — quando se trata de filmar interiores sumptuosos.

A ella, desagrada-lhe profundamente a falsa decoração e se sente mal deante de um movel que não seja um movel de verdade. Certa vez, filmando uma scena em que devia apparecer com um luxuosissimo "deshabillé", de rendas da Belgica, de accordo com a *rubrica*, a rouparia da empresa cinematographica entregou-lhe um "deshabillé de tecido inferior e mal pintado.

Mal lhe entregaram isso, Olive negou-se redondamente a vestil-o e não houve maneira de convencel-a do contrario. E argumenta:

— A "rubrica" diz que isto é renda da Belgica e na realidade o que aqui está é uma rendinha estreita de meia pataca. Todo

OUTRO CASO DE REALIDADE QUASI HOMICIDA

Sem duvida—conta Rogers em outra passagem do seu livro sensacional — nenhuma artista haverá experimentado transe igual por que passou Corinne Griffith ao filmar uma das suas ultimas producções. Tambem

— E' que...

— Nada, grita a popular "estrella". Não o faço!...

Depois transigiu. Ao invés de perolas mais ou menos artificiaes, fabricaram-se para esse collar homicida trinta e duas bolinhas de cristal, do mesmo tamanho, que no momento opportuno, Corinne desfez entre os dentes e reteve na bocca até terminar a scena.

Desde então, seu culto á verdade não foi mais tão fervoroso.

POLA NEGRI NA PRISÃO. — Si algum capitulo pitoresco falta agregar ás accidentadas me-

(*Termina no fim do numero*)

De São

(DE OCTAVIO MENDES, CORRESPONDENTE DE "CINEARTE"

No numero 185 desta revista, a respeito dos commentarios feitos por J. Canuto, do "Diario de S. Paulo", sobre "Acabaram-se os Otarios", o film que Luiz de Barros fez e que elle J. Canuto assistira em exhibição especial, escrevi:

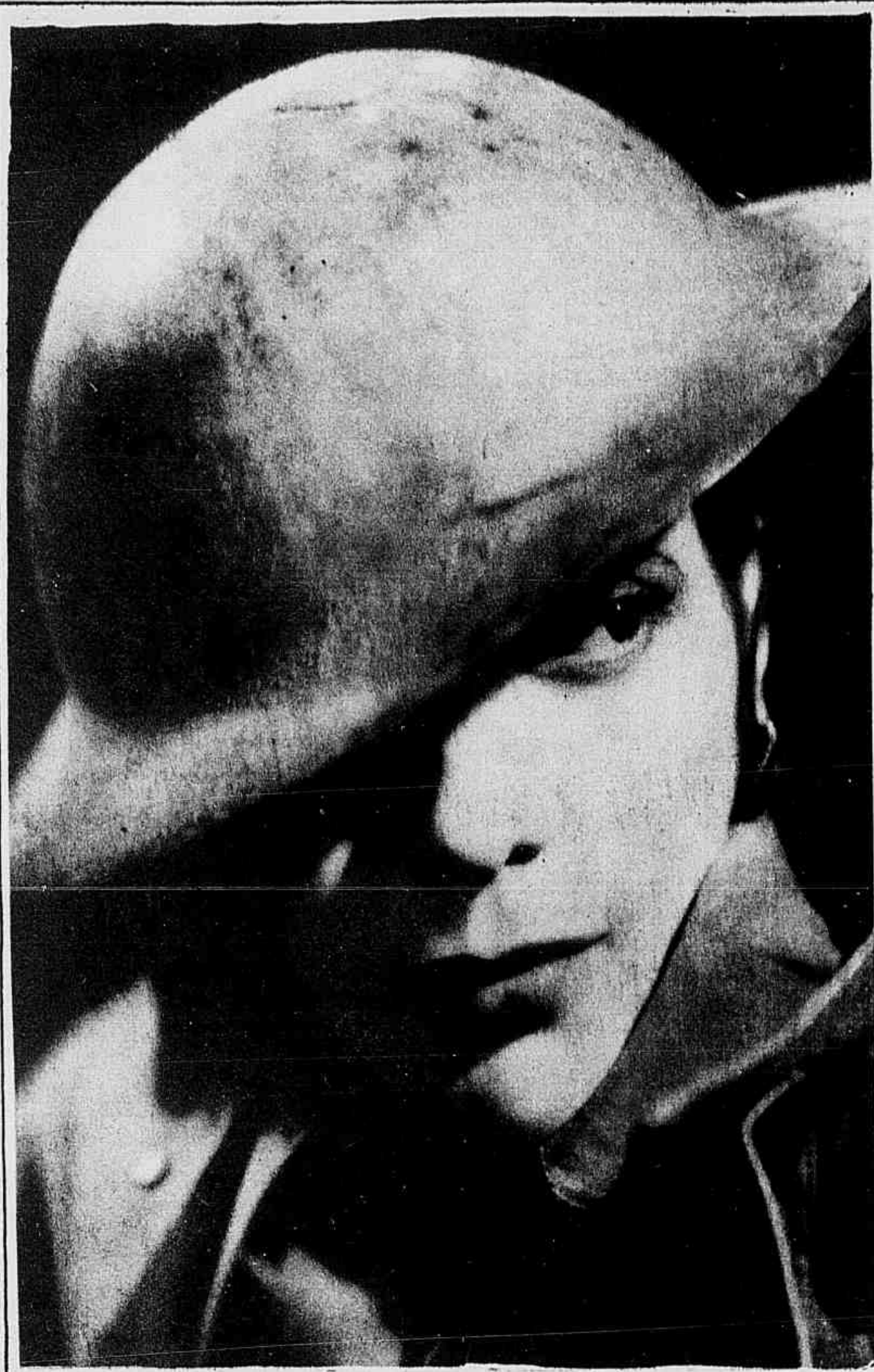
"Quem fala (J. Canuto!) é um rapaz que tambem fez fitas. (Collaborou na filmagem "Do Rio a S. Paulo para Casar" — "Gigi" e dirigiu "Fogo de Palha"). E mostrou, nas que fez, melhores conhecimentos do que Luiz de Barros."

Pois bem. Isto não voltaria a baila. E nem eu me reportaria ao que escrevi, quando ainda "não havia" assistido "Acabaram-se os Otarios", se, por circumstancias não viesse parar as minhas mãos um numero do "São Paulo-Jornal", com uma carta de Lulú de Barros.

A carta não é longa. Posso lançal-a, aqui, aos vossos olhos.

"Meu caro redactor. — Um abraço — Mui grato ficaria se quizesse agasalhar em suas columnas um desabafo que quem se sente bastante entristecido, com a mesquinhez de alguns patricios que se intitulam criticos cinematographicos e sobretudo de um senhor emprezario que julga que fazer cinema é traduzir e mudar o nome de peças argentinas. Eu, para fazer meu theatro e meu cinema nunca procurei menospresar meus concorrentes. Contentei-me sempre em fazer o reclame do meu negocio e de trabalhar pelo meu theatro sem me preoccupar com mais ninguem. Tambem nunca fiz reclames espalhafatosos daquillo que ainda "pretendia" realisar. Sempre "fiz" primeiro e "falei" depois. Ha criticos como o correspondente do "Cinearte" em São Paulo que chega a dizer: — "Eu tambem já fiz film e mostrei conhecer melhor cinema que o sr. Luiz de Barros!"

Elles, simples "furiosos", como se chama em Portugal os maniacos do cinema (annoto aqui que estou copiando fielmente a carta de Lulú de Barros!...), chegam a se elogiar a si mesmos, para procurarem trazer para elles uma admiração que não conseguiram com os seus films que ninguem viu! Outro diz que eu estou fazendo film unicamente com o fim de ganhar dinheiro. Qual foi a fabrica no mundo que se montou com outro fim? E' pena que uma parte da critica cinematographica não esteja na mão de criticos como está a theatral. Ha excepções, é verdade, como Guilherme de Almeida, cuja opinião espera-se com ansiedade, o que, aliás, ainda nada disse sobre o meu film. Fui o primeiro a fazer um film falado no Brasil e com machinas tambem brasileiras! Parece-me de muito mais merito que ir buscal-as nos Estados Unidos. E meu film teve um successo sem precedentes porque ha 11 dias vem enchendo o "Santa Helena" apezar de ter sido lançado quasi sem reclame.

Isso é o que me importa. E' para o publico que eu trabalho e o publico quer queiram, quer não os srs. despeitados que nunca realisaram nada, consagrou o meu film.

E' LINDA A SCENA DA MORTE DO SOLDADO CONFORTADO, POR ALMA RUBENS... ELLA E' ALI A MÃE DA AGONIA...

Isso é que me interessa. Quanto ao mais, é bom que façam como eu. Trabalhem, apresentem qualquer cousa e falem depois."

Desculpando-se desse desabafo, aqui fica ao seu dispôr, o amigo grato. — LUIZ DE BARROS". (Frizo, mais uma vez, que copiei a carta, do nº 1157 do "São Paulo-Jornal" de 13 de Setembro!!!)

Pois bem. Agora já sabem ao que vem a primeira informação acima, sobre J. Canuto, seus films etc., vamos ao que serve. Fazer um ligeiro commentario da carta do conceituado emprezario dos melhores cabarets de São Paulo.

Luiz de Barros não admitte criticas. Já não é este o primeiro caso. Se alguem não diz que elle é o maior director do mundo, elle escreve logo uma carta (nesta epoca, então, as cartas estão tão desmoralizadas!) para desabafar...

Entretanto, não me aborreci com as palavras de Luiz de Barros, nem liguei a ellas o menor caso. E se a direcção de "Cinearte" no Rio não me enviasse a tal carta, talvez eu a não tivesse lido e assim, não escrevesse estas linhas tambem.

Se o faço, é, apenas, para refutar os pontos em que Lulú faltou com a verdade. Ou melhor. Os pontos em que elle não comprehendeu o que escrevi e, assim, com o pouco que conseguiu entender, compilou uma mentira. Começa que eu não escrevi Sr. Luiz de Barros...

Eu me referi ao J. Canuto e não a mim. Porque ainda não fiz film algum e tenho, apenas, feito o possivel para, neste lado do "CINEARTE", agradar aos meus leitores. E o film que J. Canuto fez e que está citado acima, é 1000 vezes superior a "Acabaram-se os Otarios", repito! "Fogo de Palha", nem dá confiança! Assim, este ponto está satisfactoriamente explicado. Elle não entendeu o que leu.

Lulú de Barros critica Oduvaldo Vianna.

Nada sei á este respeito. Nem me interessa esta parte da questão. Ouvi, apenas, alguem dizer que um faz theatro e o outro dirige cabarets...

Não sei quem disse que elle estava fazendo film sómente com intuito de ganhar dinheiro. Eu fui um dos que disse que elle fazia film mais para ganhar dinheiro do que para cultivar a arte. E é uma legitima verdade. E não póde haver uma pessoa siquer que possa apontar um millimetro de arte no film "Acabaram-se os Otarios" inteirinho. Em qualquer ponto de vista.

De facto, a maior parte das pessoas fazem Cinema para ganhar dinheiro. (Digo a maior parte porque sei de alguns que não fazem com este intuito.) Mas ha quem faça tambem com outro fito, digo com o intuito de Cinema, mas poucos os que fazem com o UNICO, o de ganhar dinheiro....

De facto, a critica cinematographica em São Paulo, é pena estar em mãos de gente mais sem contemplação. Porque assim, em vez da gente ter, como eu tive, uma tanta ou quanta dóse de boa vontade e consideração por se tratar de um esforço pelo Cinema falado Brasileiro, haveria de rodar pau desde o principio e, sem rebuços dir-se-iam as verdades sobre films assim.

Elle faz excepção ao Guilherme de Almeida. Este chronista apenas borda algumas notas literarias a proposito de films, que vê, e todas sempre muito elogiosas. Gosta de todos os films, vae ao Cinema para sonhar, é um "fan".

Entretanto, ainda não li a sua opinião e eu já ouvi dizer que Guilherme de Almeida, para evitar receber cartas de desabafo, só costuma fazer commentarios a proposito apenas dos films que lhe agradam...

E note-se: Já não é mais incredulo do Cinema Brasileiro, conforme confessou na nota que deu sobre "Escrava Isaura". Luiz de Barros quer dar demasiada importancia a uma cousa tão simples e tão corriqueira.

Filmar uma scena com um disco a servir de ponto é cousa que qualquer um, faz. O C. N. E. do Rio tem apresentado um disco por semana. Benedetti já fez mais de vinte para os pequenos exhibidores do interior. E tambem já deu o passinho a mais que deu Luiz de Barros. Gravar um disco especial e não aproveitar apenas os já existentes. Já fez mais: Filmou e gravou, num studio de discos, naturalmente, um discurso.

Os discos feitos especialmente para Luiz de Barros foram gravados por apparelhos que vieram dos Estados Unidos para as casas editoras

Se maior merito ha em fazer-se um film falado, aqui, com machinas Brasilei-

PAULO

ras, do que mandal-as buscar nos Estados Unidos, porque não constróe Lulú de Barros automoveis, machinas de escrever e, tambem, umas machinas para gravar, proprias?

E' por isso que temos dito e repetido que estes apparelhamentos não são completos. Não são transportaveis as differentes "locações" e não permittem o trabalho simultaneo, para quem quer fazer Cinema de verdade que tem de ser Cinema como tem sido e se quizerem voz apenas a substituição dos letreiros. Fazer fitinhas assim, significa que a intenção é, apenas, á de ganhar dinheiro.

E retrocederemos depois de já irmos conseguindo um Cinema com "cerebro". E' interessante para alliviar um pouco os ouvidos do inglez e dignos de apoio, porque afinal são esforços brasileiros, mas não este o Cinema que sonhamos.

Justamente citei a opinião serena e acertada de J. Canuto por que neste caso, elle não pode ser um despeitado... Já dirigiu um film, bem melhor do que todos os de Luiz de Barros. O merito, aliás não é fazer o primeiro. E' fazer o melhor. Luiz de Barros não costuma "menosprezar" e na sua carta elle allude a uma porção de gente que traduz peças, que "pretende" fazer, que fala antes de fazer etc. Se eu sou um mau critico Luiz de Barros é peor critico de criticas. E não sabe criticar porque começa que entende de Cinema. Já está muito longe a epoca de "Vivo ou morto" com o João Barbosa a fazer bebedos theatraes e o "Hei de Vencer" (que lindo titulo!) que não tinham continuidade, nem nada.

E' pena. Porque applicando a sciencia que elle applica quando enfeita os nossos grandes Cinemas, durante os dias de Carnaval e escolhendo argumentos e typos e directores e operadores como elle escolhe as mulheres dos seus concursos de nu' artistico, não ha duvida que Lulú de Barros ha de ter o globo nas mãos em pouco tempo.

* * *

Felizmente já ha mais alguem que se preoccupa com o Triangulo. A vergonha dos nossos Cinemas. O "Diario da Noite", ha dias, publicou uma reportagem illustrada com uma caricatura, em que se via um pittoresco aspecto da fachada do Cinema e, tambem, liam-se commentarios em torno das bandalheiras disfarçadas que o dito Cinema exhibe diariamente. Chegam a perfeição de pôr, á porta do Cinema, um homem com um turbante de fakir de circo de cavallinhos a gritar, para senhoritas e menores que passam, que as mulheres mal vestidas, do film, são a cousa mais maluca que alguem vivente jamais viu... Qual! Era Cinema. Passou a ser baiuca. Foi espelunca. Agora já não sei mais o que é...

* * *

Oduvaldo Vianna continua fazendo a propaganda das suas idéas sobre Cinema falado. Elle, mesmo, já publicou entrevistas em diversos jornaes. Expõe as suas idéas. Explicando porque deixou o theatro pelo Cinema falado. Conta seus planos e mostra as vantagens que advirão das suas conquistas nestè ramo. Continuo a crer que o Oduvaldo Vianna vencerá. Por que elle não vae começar com apparelhos de invenção propria e por que dá entrevistas e não escreve cartas. Fala, não desabafa!...

LILLIAN GISH CONTINUA ADMIRAVEL. TAMBEM E' LINDA A SCENA EM QUE ELLA PERDE SEU FILHINHO.

"A Escrava Isaura", producção da Metropole, será lançada no Odeon, sala Vermelha, dia 21 de Outubro, segunda-feira. Tem o seu thema uma valsa de Marcello Guaycurús, gravado em disco para a synchronização do film. E, o que representa uma grande cousa para nós, vae ser distribuido por conta propria. Isto é, Isac Saidenberg não o entrega a agencia alguma. Dá percentagem aos exhibidores e exhibe o film. Segundo consta, "Sangue Mineiro", tambem será exhibido assim. Portanto, vão as cousas caminhando para o ponto que nós todos devemos ambicionar. Linha de exhibição propria. Cinemas proprios.

ODIO — (The Enemy) — M. G. M. — Esta semana tivemos dois films de guerra. Este e "Sacrificando a Mulher". Mas são, ambos, bem bons. Exploram ambientes e angulos differentes. Mas têm, os dois, as suas notaveis qualidades.

"Odio", com Lilian Gish é um bellissimo estudo sobre o estado em que os espiritos ficam quando o odio os embrutece. E, ainda, apanha aspectos soberbos da vida dos que ficam, lutando contra o maior dos inimigos, a miseria.

E Lillian Gish, mais uma vez, revela-se a artista que nós já applaudimos tantas vezes. Valeu-lhe, bastante, a soberba direcção de Fred Niblo. Mas o seu trabalho, sem favor, é excellente.

Ralph Forbes, não prejudica o film. Karl Dane pouquissimo tem a fazer. Notaveis, Frank Currier e George Fawcett. E entre suas scenas notaveis, pode-se citar a do conflicto entre Ralph Forbes e Ralph Emerson, amigos tão intimos, e, ainda, a que se segue á morte do filhinho de Lillian.

Um film que augmenta o credito de Fred Niblo e faz gosto assistir. Muito embora a reclame do film, aqui affirma-se que "o odio é santo" e a pellicula, toda, bate-se contra o odio...

GLORIFICANDO A MULHER — (She Goes to War) — United Artists (Inspiration) — Henry King, com um realismo crú, apresenta aspectos até differentes da guerra. Mostra-a, ás vezes, no mais forte dos seus momentos. Focalisa os soffrimentos barbaros de alguns combatentes. A miseria physica a lhes atormentar a moral abatida. Os ferimentos medonhos. As pernas horrosamente amputadas. E, entre isto, um romance de amor. Forte. Repleto de incidentes. E, apesar do "hokum" que o argumento encerra, Henry King soube tratal-o com arte e gosto admiraveis.

Traçou soberbamente o caracter de Eleanor Boardman. E, depois, fal-a se transformar racionalmente. Ou melhor, brutalmente chocada pelos espectaculos que se iam, gradativamente, desenvolvendo aos seus olhos.

Assim, o fragor pavoroso do combate. E os imprevistos martyrios que ella vae soffrendo, sob a farda que vestira para occultar a covardia do seu noivo. Mostram-lhe, claramente, a sorte de mulher que ella fôra e a sorte de mulher que ella deveria ser.

Os trechos dramaticos que entremeiam o film, são impressionantes, alguns. A morte daquelle soldado que tem a perna amputada e que é confortado por Alma Rubens,é suffocante! E, pela primeira vez, eu ouço um film tão bem synchronizado, na sua parte de sons e tão bem encaixado no dialogo. As palavras do soldado á Alma Rubens, julgando-a sua mãe e as della, consolando-o, vão directamente ao fundo dos nossos corações. E, embora não se comprehenda que elle está a pedir que ella o tenha em seus braços, sente-se que é algo de impressionante e commovedor que elle está a pedir. E a canção balsamica que ella entôa para o confortar nos seus ultimos instantes, é emotiva e bella.

Tambem admiravel e tragica é a morte de Al St. Johns que é um admiravel artista. E a de John S. Peters tambem.

John Holland vae bem. Edmund Burns... E a listinha!...

Vejam o film. Por Eleanor. Por Al St. Johns. E, principalmente, por Henry King!

NO VELHO ARIZONA — (In Old Arizona) — Fox — Se fosse um film silencioso e tivesse, para isso, um tratamento especial e a direcção de Raoul Walsh, apenas, teria sido um bom film.

Mas, assim todo falado, não vae! Cansa.

(Termina no fim do numero).

De Hollywood para Você...

(DE L. S. MARINHO)
REPRESENTANTE DE "CINEARTE" EM HOLLYWOOD)

PELA primeira vez Hollywood fôra esquecida, isto é, não se falava em films, nem em estrellas, nem em "talkies"...

A conversa em fóco ha dias passados fôra o Zeppelin que fizera a volta ao mundo.

Até eu o esperei ingenuamente, desde meia noite até as duas da madrugada, em cima do telhado de um predio de doze andares. Esperei, para vel-o passar lá longe... muito longe. Uma sombra nada mais... Houve muitos que esperaram, e acabaram dormindo mesmo onde estavam, e nem a sombra, viram.

Mas, o "Zep" já se foi, e os artistas que foram ao campo de aviação, esperal-o, já voltaram. Portanto, vamos tratar de Cinema, quero dizer de vida dos outros...

Quando Lupe Velez e Gary Cooper deram entrada no Henry's café, uma destas noites passadas, o Henry veiu buscal-os á porta. Parecia até que era a primeira vez que iam ao famoso restaurant. E nesta noite, até o Sid Grauman estava lá. No Montmartre estavam Blanche Sweet, Paul Page, e falavam que Bessie Lowe está noiva de William Hawks.

Os artistas da téla, penso terem grande enthusiasmo pelo palco, mesmo aquelles que della não vieram. Sim! Os theatros de Hollywood não vivem as moscas. Na première de "Bad Babies" uma peça de relativo successo e que a policia acabou suspendendo os espectaculos, vi Ed. Lowe, Lilyan Tashman, Warner Baxter, James Gleason, Lucille Webster, Harry Richman, certamente ao lado de Clara Bow, Patsy Ruth Miller, Mary Brian, Barbara Kent e Sue Carol sem o Nick Stuart.

Quarta-feira passada, almoçava no Montmartre Cilda Grey. Tambem lá estavam Blanche Sweet, Irene Bordoni, e outros. No Sea Breeze, um na praia de Santa Monica, fui descobrir o George Walsh presidindo um jantar dansante. E quanta gente boa... Doris Dawson, Betty Boyd, Mona Rico, Raquel Torres, sua irmã, e quem sei eu?...

Eu ainda vou acabar pedindo demissão de meu cargo. Sou um só. As cousas para andar bisbilhotando são muitas, innumeras... fóra aquellas para as quaes sou convidado, e as outras que tenho que gemer com os cobres. Devo merecer as honras de um secretario, no minimo... Geralmente, em todos os lugares, perde-se um tempo fantastico, principalmente se temos que esperar uma senhora ser despachada. Estou convencido de que nesta terra, mulher é synonimo de retardamento...

Só "conversar" com o mudo que vende "Cinearte" a porta do Henry's café, levo um tempo enorme, e nem sempre sei o que elle quer.

E por ahi em diante...

O peor da historia é guardar tudo de memoria, os nomes delles todos, etc. Ora, ás vezes, encontra-se uma palestra que ...ora! que tem tanta cousa boa que faz um camarada ir para casa tonto e a falar sósinho... Eu ainda não tive o cuidado de trazer sempre commigo, o lapis, o caderno. Tenho a pretensão de guardar tudo de memoria. Senão vejamos...

EU AINDA NÃO TINHA PUBLICADO ESTA MINHA PHOTOGRAPHIA COM A LIA TORA'?

Mary Duncan mudou-se. Casa nova... uma festa por conta. Pula dahi, pula daqui, manda-se os convites, prepara-se a casa. No dia os convidados vão chegando aos montes... Corinne Griffith, Enid Bennett, Fred Niblo, Raoul Walsh, Ed. Lowe e sua esposa. (Estão ficando os paes de lot de festas) Mary Astor e seu esposo, Colleen Moore com o seu tambem, Lubitch, King Vidor, Eleonor Boardman, Dorothy Sebastian, etc.

Puxa! Esperam um pouco. Deixem-me ao menos respirar um pouco e beber um copo com agua gelada. Ha por aqui um ar abafado... um calor carioca...

Mais, Sue Carol, Leatrice Joy, Virginia Valli, June Collyer, Bebe Daniels, Lila Lee, Bessie Love, Carmelita Geraghthy, Zazu Pitts, Mona Maris, Ben Lyon, Charles Farrell, Ronald Colman, certamente tambem estava Nick Stuart. Tinha um conde, um barão, um outro conde, William Haines, Kay Johnson, gente que não conhecia, gente que não pude ver, e gente que não fazia parte de Cinema, directamente...

Creio que este foi o maior acontecimento da semana... O mais interessante é que nestas festas, fazem tanta cousa e não fazem cousa alguma. Os artistas que mais me interessam viram azougue depois que entram. Passam, dão boa noite. Passa outra, e mais outro. Sempre boa noite. Como vae? Depois procurem por elles...

Quando não é isto, voces sabem. Ha sempre um cacete, um que não interessa, e por dever de polidez tem-se que prestar attenção, emquanto os demais, as vezes em boa opportunidade... não se pode pegar...

Estava prevendo o resultado, mais recentemente a Paramount annunciou ao contrario. Dizem que Clara Bow deixaria esta fabrica, e iria para a R. K. O. Mas, para gaudio de seus admiradores, ella ainda continuará na primeira até 1931 se Deus quizer.

Evelyn Brent estava jantando no Brown Derby, um restaurant chic que está tirando a freguezia do Henry's. Em outra mesa estavam Jack Warner e Daryl Zanuck, tirando a sorte para ver quem pagava as despezas.

Leila Hyams outro dia estava dizendo a sua mãe, que sua maquillagem estava admiravel. Ella trabalha num film da Columbia actualmente.

Outro casamento. Por estes dias. Marion Nixon passará a ser a esposa de Edward Hillman.

No proximo film de Gary Cooper, "Rose of the Rancho", elle terá como leading-lady uma mexicana. Aposto como sei em quem vocês estão pensando!

Mas não é Lupe Velez. E' uma novata, recentemente contractada pela Paramount. Garanto que a Lupe não deixará o "set" um só minuto...

Marillyn Miller estava fazendo "Sally" para a First National, e um dia abandonou o "set". Porque? Muito simples. Seu contracto com Warner-First National era de cem mil dollars para dez semanas de trabalho. Se o film não fosse completo naquelle prazo, ella devia receber olé mil por semana addicionaes, ou 2.800 por dia de trabalho.

Um dia de trabalho extra, ella não viu a côr do dinheiro, assim nada feito. Além destes dias extras, precisavam fazer alguns "retakes". Tudo isto attinge uma boa quantia, porém, a sua ausencia no "set", causa-lhes maior prejuizos.

A publicidade diz que Miss Miller deixou o "set" por ter um abcesso, outra encrenca no tornozelo, e outras novidades particulares...

Comprehenda-se.

Molly O'Day e Sally O'Neill estavam paradas numa esquina, folheando um magazine.

Todos conhecedores do facto, estavam intrigados com a Paramount mandando o Josef von Sternberg e Allemanha, fazer um film com Emil Jannings, quando era publico e otorio que ambos não se enguliam.

Igualmente como fez a Metro com a sua Hollywood-Revue, a Fox, seu Fox Movietone Follies, a Warner Bros está fazendo "Show of the Shows", onde para mais de cem estrellas tomam parte. São estrellas, não pequenos artistas. Vamos ver no que dá isto tudo. Agora vem a Paramount e annuncia sua "estravaganza". Evelyn Brent, Gary Cooper, Mary Brian, Nancy Carroll William Powell, Richard Arlem, e muitos outros

(Termina no fim do numero).

JEAN
ARTHUS
E LILIAN ROTH,
SÃO DE
CINEMA, MAS TEM
"TREINO" DE TRAPEZIO...

francos. Mas não, naquelle momento não se tratava d'isso. O que desejava Lupe era, em primeiro logar, apresentar-me ao seu noivo. (Essa apresentação já havia sido feita antes, mas Lupe não era obrigada a sabel-o). Em seguida a estrella queria tambem informar a Gary Cooper que fui o primeiro jornalista em Hollywood a focalizal-a com enthusiasmo.

— Isso eu nunca esquecerei na minha vida — accrescenta essa pequena, que ha um par de annos era inteiramente desconhecida nos Estados Unidos, e que hoje figura entre as mais populares artistas da téla.

Faz um par de annos. Ella não havia ainda sido escolhida por Fairbanks para tomar parte no "Gaucho". Tinha dansado ou cantado em uns tantos clubs ou em um ou outro theatro. Num dos primeiros — que foi no "Jonathan Club" — depois de haver brilhado um pouco nas suas habilidades, el-

O CORDEIRO

LUPE AINDA NA SUA CASA DE LAUREL CANYON...

O motivo que leva aquella gente que enche a casa de Henry — o popular restaurante de Hollywood — a voltar os olhos para o outro salão, é que acabam de sentar-se a uma mesa a rebelde Lupe Velez e o bonachão Gahy Cooper, um dos pares mais enamorados do mundo da pellicula. E' cerca de meia noite, e elles vêm provavelmente de algum Cinema.

Apenas attendida a rapariga que se apressa a receber as suas ordens, perguntando-lhes o que desejam tomar, e elles se entregam á grande occupação de contemplar-se, como si houvessem passado muito tempo sem se ver e tivessem a pouca duração d'essa opportunidade. E sorriem-se, e cochicham. Gary, abaixado sobre a mesa, parece sentir-se perturbado pelos olhares curiosos dos circumstantes. Em compensação, Lupita dá mais a impressão de ser simulado o ar de indifferença como passeia os olhos pelos demais convivas.

Depois, Lupe põe-se a detalhar as suas observações e, ao deparar commigo em uma mesa proxima, com o Gonzaga, fez-me signal para que lhe fosse falar.

Que censuras terá a fazer-me a admiravel estrellazinha de São Luiz Poton?

Porque o chronista que se dá ao luxo de falar com independencia nesta assembléa de soberbias que é Hollywood, vê-se a cada momento exposto a reproches, mais ou menos

la se viu abordada por Harry Raff, da Metro, que a convidou para submetter-se a uma prova photogenica, offerecimento que ella acceitou e do qual resultou, por isso ou por aquillo, não um contracto com aquella poderosa empresa, mas a sua incorporação ao elenco, mais modesto, de Hal Roach.

Mas sómente aquelles que já haviam tido a opportunidade de vel-a conheciam o valor da pequena. Lupe ainda não interessava aos departamentos de publicidade dos studios, que tanto fazem pela fama dos artistas, merecida ou immerecidamente.

Enthusiasmado com aquelles primeiros triumphos silenciosos da mexicanita, eu escrevi um artigo encomiastico e um tanto prophetico, sem lhe haver falado, sem me preoccupar grande coisa de que ella o visse ou não, porque, afinal de contas, eu não escrevo para os artistas e sim para os jornaes.

E que menos imaginava eu naquelle instante era que a creatura a quem eu elogiava se chamasse realmente Lupe Villalobos y Velez, e que fosse filha de Jacobo Villalobos (que figurou ao lado de Juanito Barragán, quando este era chefe do Estado Maior de D. Venustiano Carranza) e da artista Josephine Velez, muito conheci-

E o Gato do Matto

DE BALTAZAR FERNANDEZ CUE
ESPECIAL PARA "CINEARTE".

da nos theatros do Mexico. Poucas semaas depois de escrever o referido artigo, assistia eu calmamente ás provas photogenicas que faziam-se de Lupe Velez nos studios da United Artists, com o intuito de verificar se ella se prestava para um dos papeis de "O Gaucho". O director Dick Jones conhecera-a nos studios de Hal Roack e, ao ser chamado para dirigir o film de Fairbanks, elle tencionava leval-a comsigo — embora de maneira diplomatica, dissimulada, afim de não criar suspeitas desfavoraveis para elle proprio tanto quanto para a pequena. Lupe parecia interessar-lhe tanto como artista quanto como mulher. A prova photogenica ia-se revelando sensacional. A noviça Lupe e o veterano Fairbanks operavam deante da camara, em scenas parecidas com outras d' "O Gaucho". Em torno d'lles, uma multidão de curiosos, entre os quaes figuravam alguns dos principaes personagens da United Artists. Não havia ali uma só pessoa que se não mostrasse pasma do que de admiravel revelou aquella rapariguinha estrangeira, inexperiente em assum-

(Termina no fim do numero).

Quando Lupe foi a New-York...

ORCHIDEAS SILVESTRES

(WILD ORCHIDS)

Film da Metro-Goldwyn-Mayer, com
Lillie Sterling, Greta Garbo; John Sterling, Lewis Stone; Principe de Gace, Nils Asther.

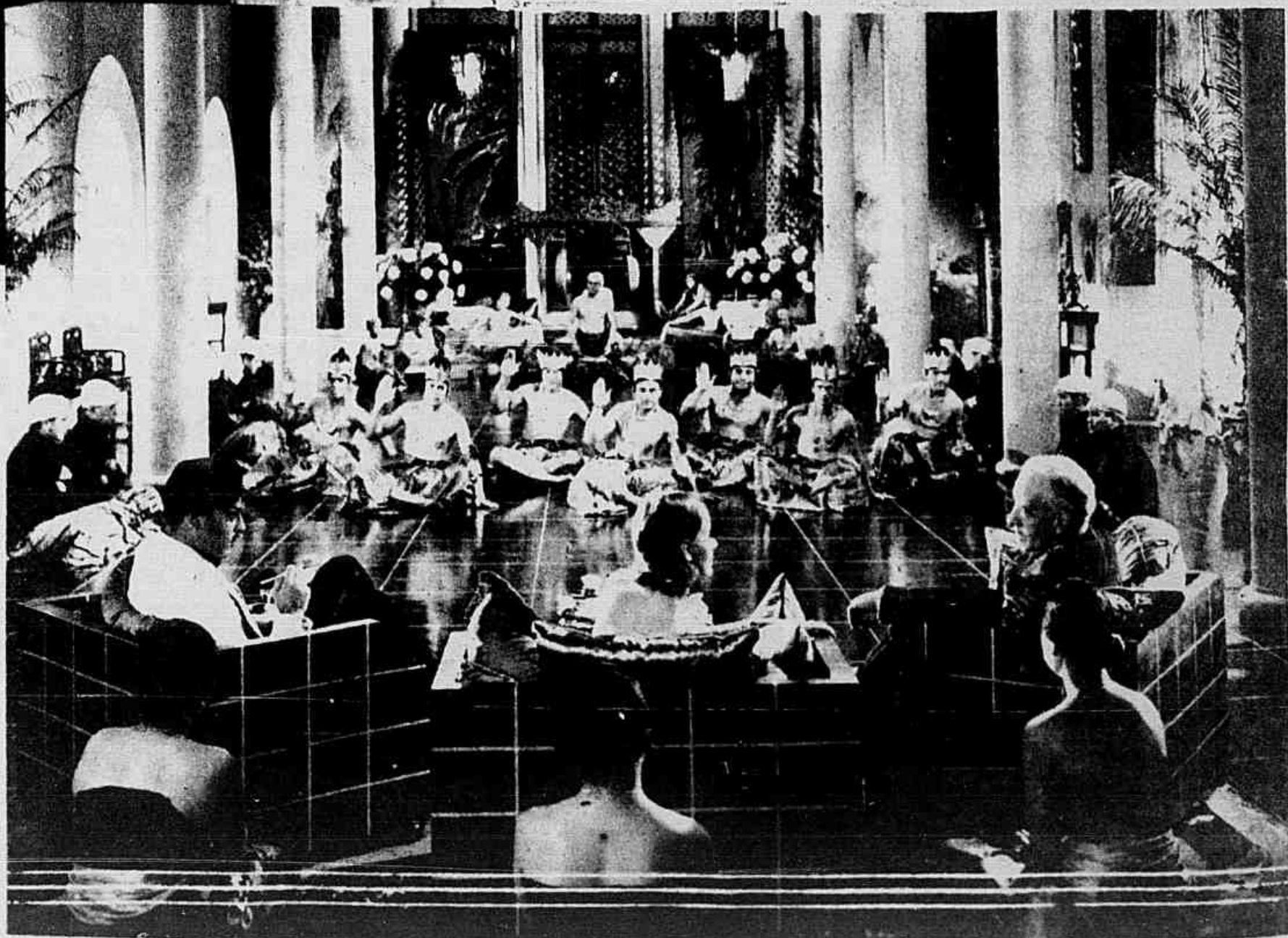
Quando o Sr. e a Sra. Sterling, após aquelle dia agitado, embarcaram em S. Francisco para Java, estavam longe de suppor que uma trama um mixto de romance e de tragedia, envolveria desde aquelle momento suas vidas.

O Sr. Sterling ia a Java a negocios; sua esposa, uma encantadora creatura que se acostumara perfeitamente a ser senhora de um homem de grandes negocios pretendia, com essa viagem, colher aspectos interessantes para o seu espirito culto, e ao mesmo não deixar de se ver sempre ao lado do esposo, que apezar de tudo, ella amava.

O navio parte. Lillie Sterling está certa de que, agora, será a unica preoccupação do esposo... até que cheguem a Java.

Entretanto, tambem a bordo se recebem telegrammas reportando a alta deste ou daquelle producto, na bolsa. Tambem a bordo um homem de negocios póde perfeitamente fazer os seus calculos sobre esta ou aquella operação mercantil. Tambem a bordo uma esposa se póde sentir sózinha, abandonada, entregue aos seus pensamentos romanticos... e tambem ha a bordo os seductores, esses senhores que deante da personalidade magnetica de uma mulher, em nada mais pensam e saltam sobre as convenções. Assim, acontece que o Principe de Gace, riquissimo proprietario de plantações em Java, e elle proprio um javanez, achou o mais "exquise" encanto na silhueta repousada, suave, envolvente, daquella mulher linda; que o marido a todo o momento abandonava no "deck" ou no "dining-room", para attender a telegrammas...

Um encontro, uma apresentação entre o principe e Lillie Sterling não foi difficil: o principe não teve difficuldades em falar com o "homem de negocios", e Lillie, não obstante estar mal impressionada com o insinuante javanez, por haver, horas antes, presenciado o principe a espancar um seu creado, não deixou de considerar ser grato ter alguem com quem conversar, já que seu marido se achava sempre tão occupado. O principe, entretanto, era audaz; quando se viu sózinho com Lillie, no convez, comparou-a ás orchidéas da California, e quando Lillie se mostrou inquieta com aquellas palavras, disse-lhe que em nada, nada, ella se parecia ás orchideas de Java, ás orchideas sylvestres de seu paiz encantado, onde tudo era sincero, onde as mulheres jamais poderiam fingir indifferença, porque lá tudo conduzia ao arrebatamento, ao impulso, á dominadora força do amor...

Aquellas palavras indispõem Lilie. O principe beija-a. Ella não esconde sua repulsa. Mostra bem que o odeia. E no camarote, horas depois, ella diz ao marido que não a abandone na companhia daquelle homem, porque elle a havia comparado a uma orchidea e ella receiava aquelles galanteios. Mas o Sr. Sterling era um homem que durante o dia occupava demasiadamente o cerebro em negocios; era natual, portanto, que elle adorasse em seu leito, emquanto sua esposa lhe falava a proposito de galanteios recebidos de um rapaz insinuante... Chegam a Java. O Sr. e a Sra. Sterling serão hospedes do

Principe de Gace, já que é grande o desejo do Sr. Sterling, de conhecer interessantes aspectos daquella terra exotica e mesmo porque elle deseja, custe o que custar, matar um tigre. Já agora, com a recepção bizarra, bem fascinante para um espirito não acostumado ao exotismo daquella terra, Lillie Sterling acceita melhor a companhia do principe.

A hospedagem é principesca. O principe, decididamente apaixonado por aquella mulher "exquise," que já agora se lhe afigurava uma propria orchidea javaneza, cumula Lillie Sterling com as melhores gentilezas.

Chega a offertal-a com presentes carissimos, typicos de Java, sem faltar certa riquissima indumentaria, que Lillie vira, fascinada, no corpo de uma sacerdotiza. Entretanto, Lillie repelle qualquer idéa de acceitar o amor do Principe. Procura captivar o marido, prendel-o a si, mas Sterling é, a qualquer momento, um homem de negocios, que vê em todos os desejos, em todas as palavras de sua mulher, cousas frivolas, "coquettes". Um dia; é mais forte o assedio do Principe. Foi numa cabana ao largo das grandes plantações de Gace. Sterling fôra a negocios. Quando regrèssa, vê atravez a janella, duas silhuetas èm colloquio. Comprehende: são o Principe e Lillie. O principe, porém, consegue disfarçar bem a situação, mas Sterling tem a certeza de tudo, depois, quando encontra um collar de Lillie num movel dos aposentos do principe de Gace.

Daquelle momento em deante, elle sente ciumes da esposa e vigia todos os seus momentos. Ella compredhende a suspeita de seu esposo e soffre, porque afinal ella jamais desejara ser-lhe infiel, e aquillo que acontecera, fôra num momento de uma leviandade perfeitamente perdoavel em vista do desprezo de seu marido. E' quando chega a noite em que Sterling realizará o seu grande sonho: matar um tigre. Mas na verdade, o tigre, para elle, agora: é o principe de Gace. E na volupia com que elle exteriorisa a sua satisfação de estar prestes a matar um tigre, o principe lê o pensamento interior daquelle homem. Chega o momento em que tambem Lillie lê na expressão de Sterling o que elle pretende fazer. Sterling, propositalmente, impede que o principe se defenda do ataque de um tigre. O principe tomba, quasi mortalmente ferido.

No leito de dôr, o principe de Gace recebe a visita de Sterling, que se arrependera de sua vingança, pede-lhe perdão e declara o seu proposito de partir, deixando Lillie, já que era

(*Termina no fim do numero*)

JENNY JUGO...
DEPOIS AINDA DIZEM QUE
NA ALLEMANHA SÓ HA CANHÕES...

Cinema Allemão...

Nos já estamos sob o "Jugo" da Jenny...

O Cavalleiro Real

(THE ROYAL RIDER)

FILM DA FIRST NATIONAL

DICK SCOTT	KEN MAYNARD
Ruth, a governanta do Rei	Olive Hasbrouck
Rei Michael XI	Philippe de Lacey
Primeiro ministro	Theodoro Lorch
Tutor do Rei	Joseph Burke

NOS confins do Oeste, para lá das mais altas montanhas da região, quasi esquecido do mundo, se erguia, silencioso e pacato, o pequeno reino de Alvania. No momento em que esta historia começa o minusculo paiz havia soffrido duro golpe de perder o seu senhor, sendo por isso, elevado ás alturas do throno o pequeno herdeiro, uma creança ainda, que as contingecias politicas foram arrancar do convivio inoffensivo dos bonecos para o venenoso convivio dos homens...

Sem consciencia das suas altas responsabilidades Michael XI foi coroado passando a dirigir o governo, orientado pelos sabios conselhos e pela larga experiencia do tutor, um velho de coração generoso. Na vida intima quem o encaminhava, educando-o, preparando-lhe o espirito para as arduas lutas da vida era uma linda mulher contractada pelos seus paes e por quem o pequeno rei tomara a mais pura affeição.

Mas se Michael XI tinha nesses dois leaes servidores os seus maiores amigos, tinha no primeiro ministro e nos mais graduados membros do seu Conselho os mais figadaes inimigos que tramavam, num odiosa conspiração, eliminal-o. E estava o Reino mergulhado em sua vida tranquilla e feliz quando, certa tarde, com a festa da sua algazarra e as notas alegres da sua banda musical appareceu o circo de Dick Scott... Um grande acontecimento social! Terra sem divertimentos, onde o povo vivia só para trabalha, a nova da chegada do circo alvoroçou toda aquella gente que correu para as ruas, transbordante de alegria, saudando os recemchegados. O proprio Rei, assaltado pelos estranhos rumores, chegou á janella do palacio dahi assistindo tambem tocado do mesmo enthusiasmo, o desfile do intessante e bizarro cortejo. O Rei-menino como qualquer outro menino que não fosse rei, sentiu desejos de apreciar as empolgantes façanhas ouvindo, com pezar, as ponderações do tutor que lhe disse não lhe ficar bem ir como Rei assistir a uma funcção de circo... As outras creanças que não tinham as suas honrarias — tinham entretanto liberdade para ir... Mas usando das suas regalis e dos seus previlegios de Rei — Michael XI intimou Dick Scott a comparecer ao palacio, ordenando-lhe que preparasse uma sessão especial para a sua real majestade. Dick Scott que desde o primeiro instante impressionou agradavelmente o Rei e a linda Ruth, a Governanta do Rei, attendeu o capricho promptamente, preparando um programma numeroso e emocionante.

A esse tempo, a conspiração tomava proporções e o primeiro ministro que tudo enxergara, comprehendendo que Dick Scott bem podia ser um impecilho aos seus planos, tratou de eliminal-o, ao mesmo tempo que conseguia fazer chegar ás mãos do pessoal do circo uma sinistra caixa de dynamite onde, muito de industria, o ministro conspirador dissera estar o presente com que os artistas pretendiam homenagear o Rei.

Para levar a effeito a outra parte do plano, — o assassinio de Dick Scott — os conspiradores contractaram o mais agil cavalleiro do exercito real para, em meio ao jogo em que se ia empenhar com Dick Scott, o matasse de maneira tão agil que daria impressão de um accidente. Ruth que tudo comprehendeu, avisou Dick Scott de modo que este ao lutar com o assalariado rodeou-se de cuidados vencendo-o quasi sem difficuldade, ao mesmo tempo que o destino, numa feliz e opportuna intervenção, evitara que a bomba estourasse nas mãos do Rei.

Mas a scena em que se passou este lance arrebatador foi o bastante para revelar aos olhos do pequeno Rei a trahição de que estava sendo victima por parte daquelles individuos rancorosos que planejaram matal-o e que para tanto tudo faziam.

Em meio ao maior pavor, e certo de que sua vida perigava, o pequeno Rei fez um apello a Dick Scott, pedindo-lhe ficasse ao seu serviço bem como os seus companheiros, tão certo estava elle de que com a bravura, lealdade e heroismo de gente tão decidida, não corria perigo.

Dick Scott, desde logo, mobilisou os seus homens, pondo-se na guarda do castello e tomando todas as providencias necessarias para defesa do Rei.

Emquanto isso, o primeiro ministro preparava com os outros trahidores os planos do rapto do pequeno Rei, que seria transportado até a fronteira do paiz visinho, ficando elle, o ministro, assim de posse do governo.

Contando com inferioridade de homens, Dick Scott mandou o seu inseparavel Tarzan ao acampamento dos companheiros buscar reforço, enfrentado decididamente os trahidores

(Termina no fim do numero).

Cinema de Amadores

(De SERGIO BARRETTO FILHO)

KODACOLOR !

"Hoje já se póde dizer que aqui, nos Estados Unidos, a factura dos films pelo processo Kodacolor está literalmente avassalando o paiz. A magia das côres, agregada ao film cinematographico, anda augmentando consideravelmente as actividades do cinematographista amador. A simplicidade com que o processo póde ser empregado pelo amador é uma das causas primordiaes do seu successo.

"E' agora, que o Kodacolor invadiu o terreno, como uma especie de supplemento indispensavel á factura do film, é natural, é logico que o amador queira saber mais e melhor, a respeito dos principios basicos desse processo. Talvez as questões mais interessantes que se amontoam diariamente sobre a mesa de trabalho do conhecedor são aquelles que se referem ao systema optico empregado no processo Kodacolor. Essas questões podem ser condensadas nas duas seguintes.

"Primeiro, porque, no processo Kodacolor, as lentes photographicas só podem ser de uma determinada distancia fócal, que é sempre de 1 pollegada de comprimento, impedindo portanto o uso das chamadas lentes addicionaes?

"Segundo, porque, no processo Kodacolor, têm essas lentes que trabalhar sempre a uma abertura dada, forçando a ficar invariavel a châmada profundidade de fóco?

"Uma só consideração póde dar o motivo de não terem ainda essas duas questões sido resolvidas. Vejamol-a.

"E' sabido que tres factores essenciaes entram proeminentemente na realisação de um film colorido pelo processo Kodacolor. Esses tres factores, coisa interessante, fazem parte do systhema optico sobre o qual se baseia o processo. São elles: um philtro de tres côres, uma lente photographica, e uma infinidade de minusculos pigmentos collocados sobre o proprio celluloide basico do film, em relevo, e que vão fazer o papel de uma diminuta reproducção, cada um delles, da propria lente photographica.

"A illustração mostra a posição relativa dos tres elementos de que se compõe o Kodacolor. Ao primeiro lance, vê-se logo, no desenho, que a luz multicôr, emanada do assumpto, passa primeiro atravez do filtro de tres côres, á esquerda do desenho. O filtro opéra uma verdadeira analyse da luz, dividindo-a em seus componentes.

A luz azul, por exemplo, será absorvida e anulada pelos filtros de côr verde ou vermelha, mas passará atravez do filtro de côr azul. Supponhamos agora uma luz que possa ser dividida em dois componentes; o azul e o verde, por exemplo. Essa luz será absorvida pela secção vermelha do filtro de tres côres, mas será transmittida pelas secções verde e azul.

Ora, como a luz branca é uma mistura de todas as luzes multicôres, a mesma luz branca será analysada pelos tres filtros, e assim cada uma das suas côres fundamentaes passará atravez do filtro que lhe convier.

"A missão do filtro é pois a de uma selecção e distribuição das luzes multicôres, de accordo com as suas côres fundamentaes.

"Os raios de luz assim seleccionados passam então atravez da lente, cuja missão é a mesma que a de qualquer objectiva ou lente photographica, isto é, formar uma imagem do assumpto no plano fócal, o qual deve coincidir, como se sabe, com a posição do film, quando este passa em frente da janella da camara cinematographica.

"No Kodacolor, porém, esses raios de luz, antes de chegarem ao plano fócal, isto é, á emulsão sensibilisada do film, são forçados a passar atravez de centenas de pigmentos que, collocados sobre o celluloide — base do film, tomam a fórma de pequeninas lentes connexas, cylindricas, cuja funcção é justamente emittir, separadamente, sobre a emulsão, os raios coloridos sahidos de cada ponto minimo do assumpto, e justamente distribuidos pelo filtro de tres côres.

"Em outras palavras, essas minusculas lentes gravam sobre o film simultaneamente a imagem do objecto e a do filtro de tres côres. Portanto, cada uma dessas imagens dentro da area microscopica de cada pigmento, cujo diametro aliás é de 1/569 avos da pollegada.

"A descripção acima da relação existente entre o filtro, a lente, e os pigmentos traz comsigo a conclusão de que as tres bases do processo Kodacolor formam um systema optico "uno" e completo em si. E' facil comprehender que uma só variação imposta a uma só dessas bases immediatamente destróe os caracteristicos fundamentaes do todo. A menor imperfeição na collocação do filtro, e o menor descuido em conservar os filtros e as lentes limpos, podem resaltar num desastre para o film concluido.

"Uma combinação de lentes, ou melhor, uma lente composta, como essas das photographicas, que são geralmente feitas de materiaes e de formatos differentes, poderá substituir a lente simples; uma lente nessas condições, desenhada e construida com cuidado, dará uma imagem tão perfeita quanto possivel, embora cada um dos elementos dessa lente composta, tomados Semelhantemente, no processo Kodacolor, a lente photographica, por si, torna-se apenas em uma parte do systema optico. Assim, comprehende-se que, para produzir um resultado perfeito, tal como no caso da lente composta, a lente photographica tem que ser combinada com os outros "elementos" segundo leis e regras pre-estabelecidas. E' essa combinação que se torna na verdadeira lente do Kodacolor. As posições e as distancias a que esses elementos são dispostos, um dos outros, tomam assim uma extrema importancia para o successo dos resultados photographicos finaes.

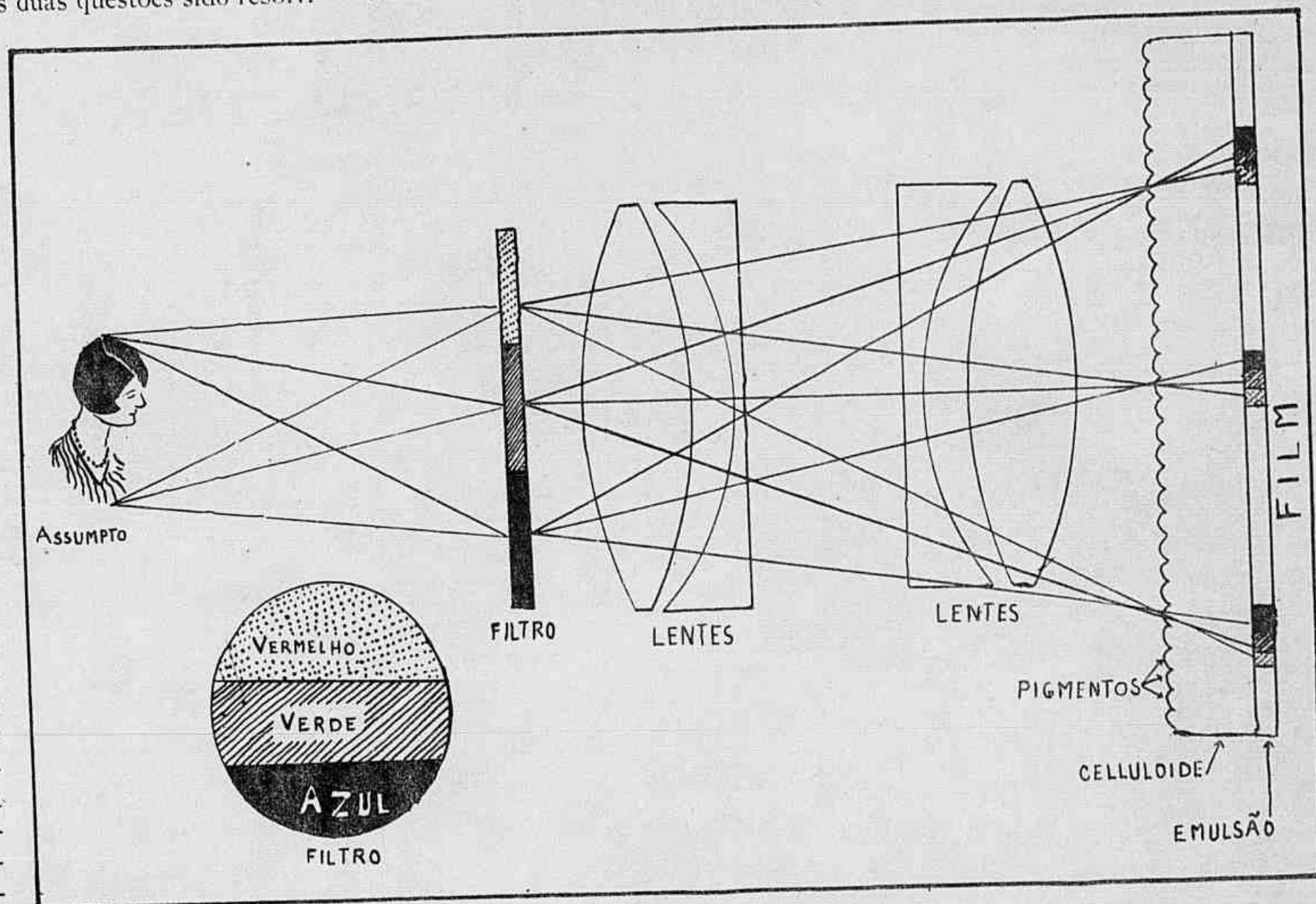
"O filtro colorido precisa ser collocado a uma distancia muito exacta da lente photographica; as secções coloridas precisam ser exactamente perpendiculares, para concordarem com as pequenas saliencias dos pigmentos do film.

"A lente photographica não produz uma só imagem do assumpto que está sendo photographado, porém, do mesmo modo, uma imagem do filtro, a qual é apanhada pela pequenina lente pigmentaria, sobre o film. Como essa lente é sempre do mesmo tamanho e formato, a imagem do filtro precisa possuir sempre os mesmos caracteristicos; dahi a necessidade de se usar a lente a uma pre-determinada distancia focal.

"Além disso, a theoria do processo Kodacolor requer que a relação fixada, entre as dimensões e as funcções dos pigmentos, das lentes e dos filtros, seja sempre mantida, obrigando pois a lente photographica a ter só uma pollegada de distancia focal, e obrigando sempre o iris, a ficar constantemente na mesma abertura.

"O que fica ahi acima responde pois ás difficuldades apresentadas; e ficam assim expostas as suas razões de sêr, ao leitor curioso de conhecer os minimos detalhes do processo Kodacolor".

* * *

Este artigo que hoje apresento, na integra, ao amador brasileiro, foi tirado do jornal da Bell & Howell. Embora pareça extraordinario, os modernos Films 57-G, e os apparelhos mesmo de outras marcas adoptaram o processo da Kodak. Esse processo, como o Movietone, por exemplo, apezar de dar campo a um "trust", não está restringido apenas á Kodak, por vontade, é logico, da propria Kodak. O artigo que o analysa pertence a Joseph A. Dubray, ex-secretario da "American Society of Cinematographers" e hoje director technico da secção de Amadores da Bell & Howell.

CORRESPONDENCIA

Claudio Germano (Rio) — Só respondo por aqui. O dictographo, que me parece que tem outro nome, aqui no Rio, é um apparelho usado nos grandes escriptorios para registrar uma correspondencia, uma carta, e depois repetil-a á dactylographa. Parece-me que a casa Edison o vende. O preço não lhe posso informar. Mas é caro, isso eu lhe garanto. Prepare-se para coisa equivalente, no preço, a uma electrola.

Cinco pares de irmãs tomam parte em "The Show of the Show" da Warner: Viola Dana e Shirley Masson; Dolores e Helene Costello; Alice e Maceline Day; Sally Blane e Loretta Young; e Sally O'Neil e Molly O'Day.

Johnny Mack Brown é o heróe romantico de "Hurricane" drama maritimo da Columbia.

Gloria Swanson assistiu pessoalmente á estréa do seu novo film, "The Trespasser, em Londres no dia 9 do corrente. Edmund Goulding dirigiu-a.

Bessie Love

Dorothy Sebastían

Natalie Kingston
(PARAMOUNT)
Cinearte

William Haines

(M.G.M.)

Cinearte

Pagina dos Leitores

ESTRELLAS DO BRASIL

O céu do Cinema Brasileiro estava pulverisado de carvão até o infinito. Negro como os olhos divinaes de Dolores Del Rio tinha mais tristeza que um "close-up" de Alma Rubens. Em sua immensa escuridão não havia o brilho de uma estrella siquer. Somente de vez em quando o giz dos relampagos, riscava o negro de seu quadro...

E os brasileiros ficaram tristes. Muito tristes mesmo. Mas resolveram reagir. E um grupo ousado levou avante seus ideaes. Lutaram. Luta insana que foi. Mas venceram. De uma maneira admiravel, e sob os applausos de todos os "fans" nacionaes. E foi um justo resultado para o esforço sincero, para o animo moço e ardente dos batalhadores. Hoje o céu está adoravelmente azul e marchetado de estrellas que encantam e deslumbram pelo brilho maravilhoso de seis olhinhos inquietos. Estrellas com singularidades peculiares a cada uma e que fazem a gloria do céu em que fulguram. As estrellas? Vou ter a ousadia de tentar descrevel-as. Primeiro a mais brilhante: Gracia Morena, a flôr de fogo do Brasil!... Gracia... Um poema de amor... Peccado... Tentação... O desvario de uma paixão... a volupia de um beijo... Iracema e Sadre Thompson... Samba bom e gostoso que mexe os nervos da gente... Uma melodia de Villa Lobos... Olhos de fogo que queimam os olhos...

Aqui está uma estrella original e bizarra. E' Lilita Rosa, a Greta Garbo nacional... Lelita!... luar frio de uma noite de mysterio...

A bruxa do seculo XXX... Figura de R. Rodrigues aliada ao escotismo de um desenho de Di Cavalcanti... Sonho de opio... Licor mystico... Cocaina... Um quadro typicamente brasileiro de Tarsila... Artigo mirabolante de O. M.... Lelita... A derrota do bem e a victoria do mal... Gata scismarenta que envolve-se com volupia na penumbra morna do boralho do mysterio... Lelita!... Um pedacinho do Japão, um pedação do Brasil!...

Lia Torá!... Que nome bonito!... Mas ella é ainda mais linda que o nome... Um anjo das ruas... Uma santa que anda com sua aureola a procura de um altar... Olhos divinamente femininos que espelham sinceridade belleza e arte... Um pouco do Brasil que o vento do destino sacudiu para longe... Figurinha delicada de "biscuit"... Alma mais clara e linda que uma pagina de Bilac... Mais brasileira que um samba de Sinhô... Lia... Maguas, sorrisos, desesjos... o symbolo bonito da patria querida lá em Hollywood...

Eva Nil... Figurinha nivea e pallida de camafeu... Um pouquinho do céu... "Bibelot" de Sevres... Suavidade, modestia, belleza e arte de mãos dadas... Fusão de Gaynor, Philbin e Gish... Ingenuidade que se vestiu de mulher... Princezinha encantada das lendas infantis... Eva... Um desses anjos ethereos e diaphanos da pintura de Boticelli... Duas figuras esguias e immateriaes das decorações de Puvis de Chavannes...

Nita Ney... Romance... Sentimentalismo... Uma melodia triste como seu olhar macio... Sorriso pallido n'um labios de meiguice... A doçura perfumada de um verso de Adhemar Tavares... Uma serenata ao luar braco n'um jardim bonito... "Bercense" calida e suave... Um mixto de doce e amargo... saudade...

Carmen Santos... Estouvamento... "Noncholance"... Bocca em coração e os cabellos revoltos ao sabor da brisa... Boneca atirada aos caprichos do destino... Belleza suave como seu olhar moreno... Versos populares... A mulher que a gente amou... Paixão triste e doce... "Luciola" de Alencar... A borboleta azul... Sonhos... Illusões... chimeras... a vida...

Estella Mar... Figurinha esguia e quebradiça de "flapper" de J. Carlos... Penumbra morena, leve e esvoaçante como uma idéa solta... Pequena moderna com muito rouge no labios e muita malicia nos olhos... Pouco juizo na cabecinha e pouca fazenda na saia... Um fruto da epoca do gaz e da cocaina... Tipinho brejeiramente malicioso... catitamente picante... Um beijo morno no Capitolio um sorriso em Copacabana e um black-botton no Gril Room... Carmen Violeta... Ella é bella como um desejo... Olhos que tem brumas de sensualismo e tristeza... A mulher culta de hoje... Envolvida em seducção como numa mantilha espanhola... O tango-mulher... Um crepusculo tropical... A gloria e a ruina... O luxo e a miseria... A felicidade e a desgraça... Enigma de amor... Personalidade differente... Temperamento de gelo n'um corpo de fogo... A mulher colloso... Figura soberba e alucinante como uma decoração de Trompowsky...

Gina Cavallieri... Um figurino de "Sorcière"... A amiga perigosa... Gato que arranha e esconde a patinha... Um calicezinho discreto de licor... A telephonista que mora no arrabalde... Um sorriso que passa... Figurinha de "mignard" atirada a voracidade do seculo de hoje...

Estas são as estrellas de scintillações mais deslumbrantes. Ali, rodeando-as, estão outras egualmente encantadoras...

Naly Grant; uma pepita de ouro... Tamar Moema, figurinha de Subtsch... Elisa Bety, um sonho meigo... Iria Miraino, um olhar triste, maguado e cheio de amor... Almery Sterus a caboclinha mimosa... Cléo de Malaga, a "vamp" moderna... Noemia Zita um jambo sazonado... E outras...

E lá no céu agora de um azul divino vão surgindo infinidade dellas e já dardejando raios perigosos, raios que seduzem encantam e predem; raios que têm um brilho que atrapalharão d'aqui a pouco o transito das estrellas de outros firmamentos... cinematographicos. E as scintillações divinaes que delles se desprendem, attrahindo a attenção dos olhos do mundo, glorificarão a grandeza desta terra sublime — O Brasil!!!...

JACK QUIMBY

LEITORAS DE CINEARTE QUE DESEJAM COLLABORAR NO CINEMA BRASILEIRO

RACHEL DE FREITAS

MARUJA SITCHÓR

Amigo Operador.

Em poucas linhas, procurarei dizer o que foi o movimento cinematographico na nossa querida Belém no anno de 1928.

Durante toda minha vida de "fan" nunca apreciei tão bellos films como no anno passado.

As grandes fitas das maiores marcas americanas e allemães foram aqui exhibidas.

As duas grandes emprezas cinematographicas aqui existentes: — A Empresa de Diversões Amazonia e a Empresa Teixeira, Martins S. A. — não pouparam esforços para bem servir o publico.

A Empresa de Diversões Amazonia exhibiu "United", "Ufa" e "Universal". A Empresa Teixeira, Martins S. A., fez passar em seus "ecrans" "Paramount", "Metro", "Fox", "First" e "Serrador". Fundaram-se Cinemas, reformaram-se os antigos, melhoraram-se as orchestras, etc., etc.

E assim, creio que nenhuma outra cidade do norte possue tantos salões cinematographicos como em Belém, cujo numero se eleva a 12.

Destes salões, pertencem á Empresa Teixeira, Martins S. A.: Olympia, Palace-Theatre, Odeon, Iris, Popular, Poeira, São João, Trianon e Iracema. A' Empresa de Diversões Amazonia: Eden, Moderno e Ideal.

Entre as maravilhas do anno cito:

Da Paramount: Irmãos na luta, rivaes no amor, Fragata Invicta, Hotel Imperial, Tristezas de Satanaz, Ultima Ordem, Amae-vos uns aos outros outros, Rei dos Reis, Tentação da Carne, etc.

Da Metro: "The Big Parade", Viuva Ale-

(Termina no fim do numero).

O CANTOR DE JAZZ

(THE JAZZ SINGER)

FILM DA WARNER BROSS

Jakie Rabinowitz . . . . .
Depois Jack Robin . . . . AL JOLSON
Mary Dale . . . . May McAvoy
Cantor Rabinowitz . . . . . Warner Oland
Sara Rabinowitz . . . . . Eugenie Besserer
Cantor Josef Rosenblatt . . . By Himself
Moisha Yudelson . . . . Otto Lederer
Jakie (aos 13 annos) . . . Bobbie Gordon
Harry Lee . . . . Richard Tucker.

Director — ALAN CROSLAND

NAQUELLA noite Jakie sahiu de casa muito preoccupado. Dali em diante teria que tomar muito cuidado. Como podia elle saber que seu pae se opporia tão violentamente a carreira que resolvera abraçar?

Todo o mal resumiase em ter quebrado a janella da Synagoga na noite anterior. E seu pae terminára a sua reprimenda com estas palavras: "Você devia envergonhar-se. Um cantor, como você vae ser, a quebrar as vidraças da Synagoga". — "Mas eu não quero ser um cantor sacro! Eu quero cantar num palco!" — fôra a sua resposta energica e afflictiva. Jakie sabia que falára demais.

Teve que escutar seu pae por varias horas. Mergulhou com elle em interminaveis detalhes da historia da familia. Elle, seu pae, fôra um cantor sacro e seguramente cinco gerações da familia Rabinowitz haviam dado cantores sacros de fama — Jakie portanto tambem seria um cantor sacro. Jakie ha muito tempo já que aprendera a não interromper seu pae nessas occasiões.

Finalmente quando tudo acabou elle certificou-se mais uma vez de que teria que tomar muito cuidado dali por diante.

E' á noite quando sahiu de casa ia verdadeiramente aborrecido. O Café Muller nunca lhe pareceu mais longe. Tomou mil precauções. Após uma infinidade de voltas chegou finalmente a um grande edificio e atravessou a sua porta de balanço. Entrou no *bar* a passos largos, chamou pelo pianista a um canto e subiu para o palco.

Estava á vontade agora. Jakie sempre se sentiu feliz sobre um palco. Elle podia cantar horas seguidas e esquecer-se completamente da platéa. Era curioso velo apanhar as moedas que lhe atiravam os ouvintes depois de cada canção.

O pianista feriu as teclas com um desses "jazzes" que mexem com os nervos, e o rapaz principiou a cantar na sua maneira caracteristica. Justamente quando começou escutou a porta abrir-se com violencia. Olhou. Viu seu pae caminhando na sua direcção. Parou de cantar. Viu-se agarrado pela gólla. De pallido que estava ficou vermelho. Seu pae envergonhava-o perante uma gente que nunca lhe regateava ap-

(*Termina no fim do numero*)

Pilherias... de Hollywood...

TUPY, NÃO É PORQUE EU CONHEÇO...

Lá em baixo, Edmund Lowe...

Com o progresso do Cinema falado... Será prohibido até vêr-se os films. Apenas escutal-os. E Josephine Dunn está inventando o "olfacto-tone"...

E Glenn Tryon não é de meias medidas.

Só mesmo com cocegas é que a gente ri...

(DIE WOCHENENDBRAUT)

A Nação quer Uma Creança

Para que servem os ho mens?

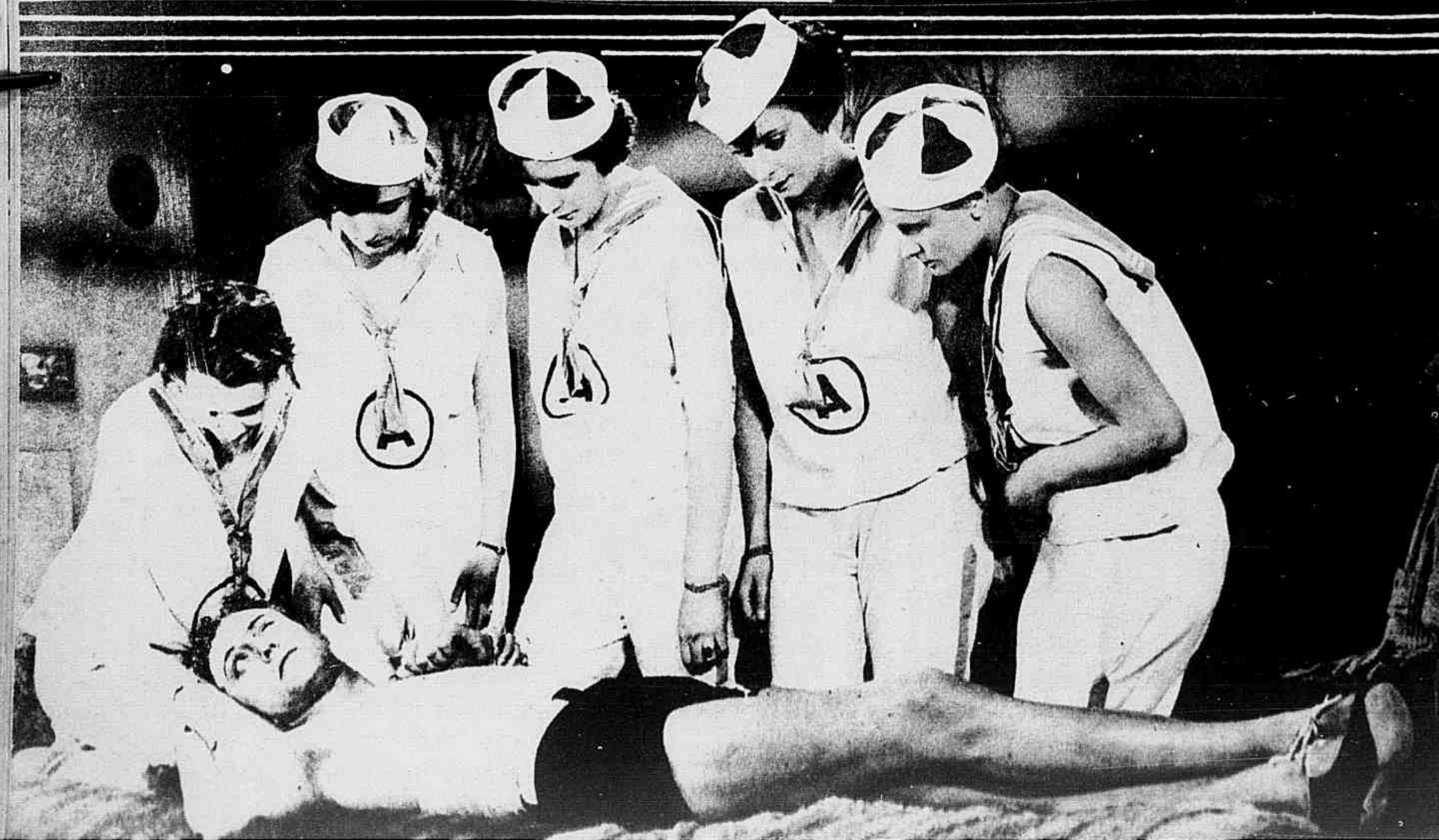
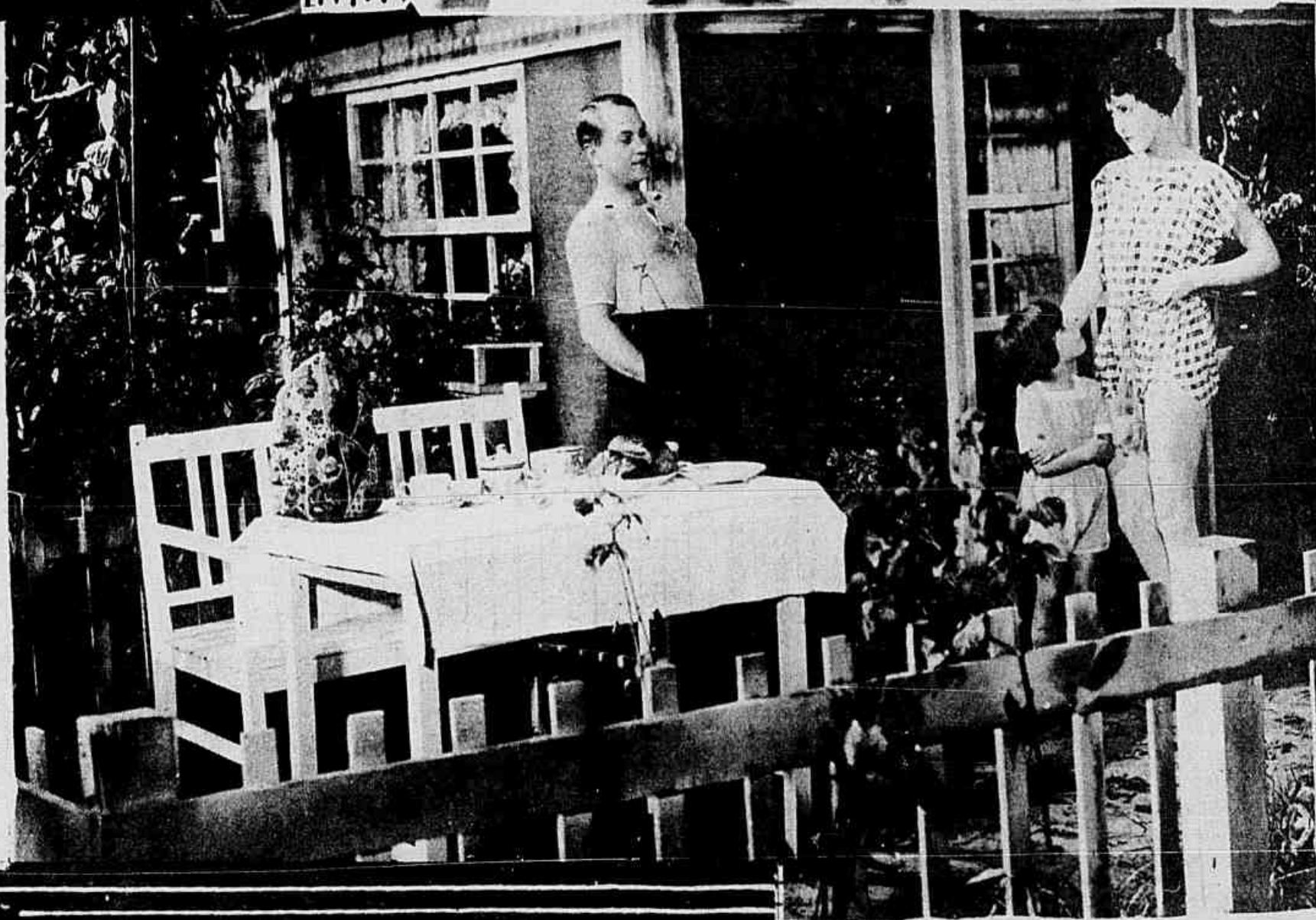
"De futuro serão elles os encarregados das creanças".

"Os serviços domesticos ficarão no circulo dos seus trabalhos".

"Ao cahir da tarde elles terão que entregar a roupa e a chave da casa".

"Trabalhos manuaes: bordados, costuras e remendos deverão ficar ao cargo delles antes do casamento".

"A's Amazonas do nosso Club fica prohibido o casamento com aquelles individuos que não se submetterem a assignar um contracto nupcial com as condições acima indicadas. Comnosco á assim: a mulher tem que tomar o logar do homem: em tudo e por tudo!"

Eram esses, entre outros, os dispositivos do Club das Amazonas que Uschi Poehlmann chefiava como presidente. Tão resolutas quanto aquelles estatutos são essa presidente e suas companheiras de classe. O casal Schwarzecker, dono da casa, é testemunha ocular dos costumes singulares de sua inquilina Uschi que, em companhia de suas trefegas amiguinhas, trazem o predio em polvorosa. E por isso a endiabrada pequena tem que mudar-se immediatamente. Para que serve a lei do inquilinato? Por

que terá nascido o unico filhc desse casal senão para, como advogado, requerer as medidas judiciarias que o caso requer? Amanhã dar-se-á um geito em tão delicado assumpto.

"Pois é assim, senhorita! Uma moça solteira que nem ao menos tem uma creança não pode morar sosinha! E' da Lei, paragrapho 11835! A senhorita tem que mudar-se, queira ou não queira!" — assim falava um official de diligencias que os Schwarzecker haviam chamado em seu auxilio. Que fazer numa situação como esta? Uschi resolveu arranjar uma

Uschi Poehlman .... ELGA BRINK
Dr. Schwarzecker .. WERNER FUETTERER
Seus paes .... Ilka Gruening
Paul Benkel
Um official .... Paul Hoerbiger
Fritz Morneman .... Curt Vespermann
Seu pae .... Henry Bender

Direcção de George Jacoby

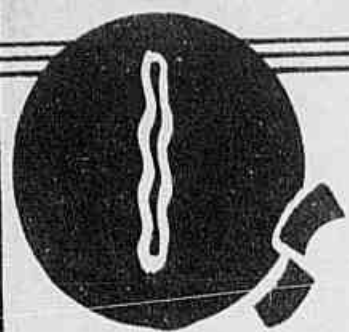
lho, do contrario a emenda será peor do que o soneto. Um annuncio no jornal é o primeiro passo para resolver tão complicado problema.

Alguns dias depois, passadas algumas aventuras divertidas, Uschi ficou noiva de um tal Fritz, viuvo e pae de uma linda menina de oito annos. Dá-se um encontro entre os contractantes numa deliciosa casa de campo, de propriedade de Fritz, mas que estava hypothecada por falta de pagamento de algumas dividas. O doutor Schwarzecker, talvez por espirito de vingança, talvez porque gostava de Uschi, fica ao par do que se passa e resolve fazer uma partida á pequena. Negocia a garantia de sua propriedade e fica de posse de uma ordem de entrega immediata do magnifico ninho nupcial. Na vespera do enlace, o joven causidico apresenta-se com o representante da justiça e ordena o desmonte da creança, custasse o que custasse." Está bem! Faça favor de voltar mais tarde. A essa hora minha filhinha estará aqui. Logo que o representante sahiu, Uschi começou a fazer encommendas de creanças, de todo o geito. Quando o official de diligencias voltou encontrou, realmente, uma linda menina na residecia da endiabrada Amazona mas, minutos depois, surgiam de todos os cantos as demais creanças que foram arranjadas e que Uschi escondera pelos cantos da casa. Escandalo! Intimação para a contraventora comparecer em juizo.

No dia seguite, a presidente do Club das Amazonas sentava-se no banco dos réos. A' sua frente encontrava-se o Dr. Schwarzecker, filho, que ia agir como accusador porque fôra, dias antes, jogado fóra do apartamento de Uschi por que não se submettera a assignar o contracto para o celebre "casamento perfeito", isto é, o matrimonio que obrigaria o homem a tornar-se dona de casa e ama de leite. Vendo-se na eminencia de ser condemnada Uschi em pessoa pede ao Juizo para ser adiado o seu julgamento com a promessa de procurar um marido. Mas esse esposo deve trazer comsigo um filho,

vistosa "villa" que se elevava cercada por magnifico jardim.

Invertem-se os papeis. Uschi vendo que se casasse com Fritz não obteria o ideal de sua existencia consente em desmanchar o noivado e faz as pazes com o antigo namorado que, desta vez, promette ser um esposo carinhoso sem comtudo submetter-se aos curiosos estatutos do Club das Amazonas. Com uma pontinha de ironia, a titulo de castigo, faz ver á joven esposa que, afinal, os homens sempre valem para alguma coisa...

Bessie Love e Charles King terão os dois principaes papeis em "Road Show" da M. G. M. Charles Reimer será o director e o scenario é de Bess Meredith.

Studios agora estão, tão tristes... Só se vêem lampadas vermelhas e cartazes enormes a pedir silencio. Relembra refeitorios e dormitorios do nosso tempo de collegio. Lembra caras de juizes rabujentos e grandes campainhas dos tribunaes. Parece dia de enterro. Interior de igreja. As pessoas conhecidas cruzam com a gente, austeras, graves, silenciosas e apenas nos cumprimentam com um abanar de cabeça.

Não se ouve mais aquelle "Hallô" tão alegre e expansivo e tão caracteristicamente hollywoodense...

Antigamente, a gente pisava forte e gritava: "Hallô, how are you?"

— "Faine"... Clarinha Bow, por exemplo.

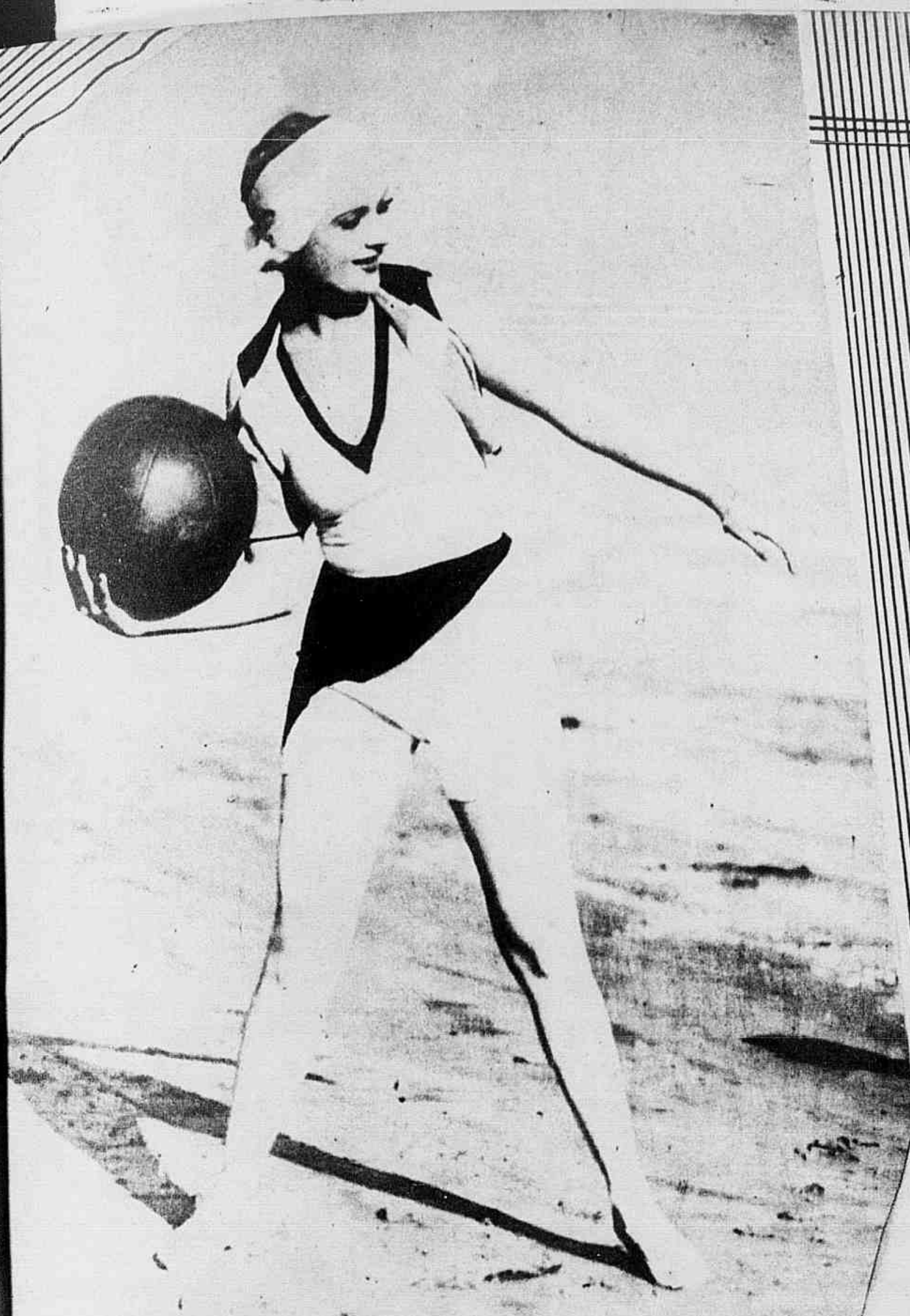
Hoje, em Hollywood, importa-se mais borracha para salto de sapato do que para pneumatico de automovel.

DE L. S. MARINHO

Representante de CINEARTE em Hollywood.

Eu até já prendo a respiração quando entro num Studio, porque, não quero sahir agarrado pela golla do casaco ou a ponta pés... e nos bicos dos sapatos não usam borracha ainda:

Eu estava assim parado, contemplando as meiaszinhas curtas de Sally

Carol Lombard e Marinho, representante de CINEARTE em Hollywood.

— Vou ver o que póde interessar... Qualquer cousa serve?

— Sim, está contente por ter deixado as comedias?

— Posso dizer logo de começo que não tenho saudade nenhuma das comedias de Mack Sennett.

— Está ahi, suggeriu eu, conte-me alguma passagem interessante desse tempo...

— "Depois que fui promovida, isto é, passei a ser artista de films adultos, concentrei-me tanto no meu novo ge-

(*Termina no fim do numero*)

CAMARADAGEM

Eilers... quando uma senhora, encarregada da secção de "stills" (tem que ir em inglez, porque senão eu teria que dizer: photographias de scenas dos films) poz a mão no meu hombro, poz o indicador nos labios e me falou baixinho, no ouvido: "Você quer ser apresentado a Carol Lombard?"

A gente aqui em Hollywood toma cada susto! E depois que máos momentos, passei eu nesta occasião. Sem poder expandir a minha alegria e gritar:

— Está certo! Quero sim! Oh belleza, onde está ella?

A tal senhora, aliás muito parecida com a Luiza Valle dos films brasileiros, levou-me até ao camarim de Carol Lombard e apresentou-me a pequena mais linda que se maquilla agora nos Studios da Pathé.

O seu camarim parece um apartamento é... que luxo! Carolzinha foi até a uma mesinha dourada, baixinha, dessas que fazem a gente preferir collocar os objectos logo no chão de uma vez, levantou a cabeça de um gato de Sevres, e, com dois dedos tirou lá de dentro um cigarro. Não tinha ponta dourada, não, está ahi! Isto é, eu não sei se foi cigarro ou algum "bon-bon" que ella me offereceu.

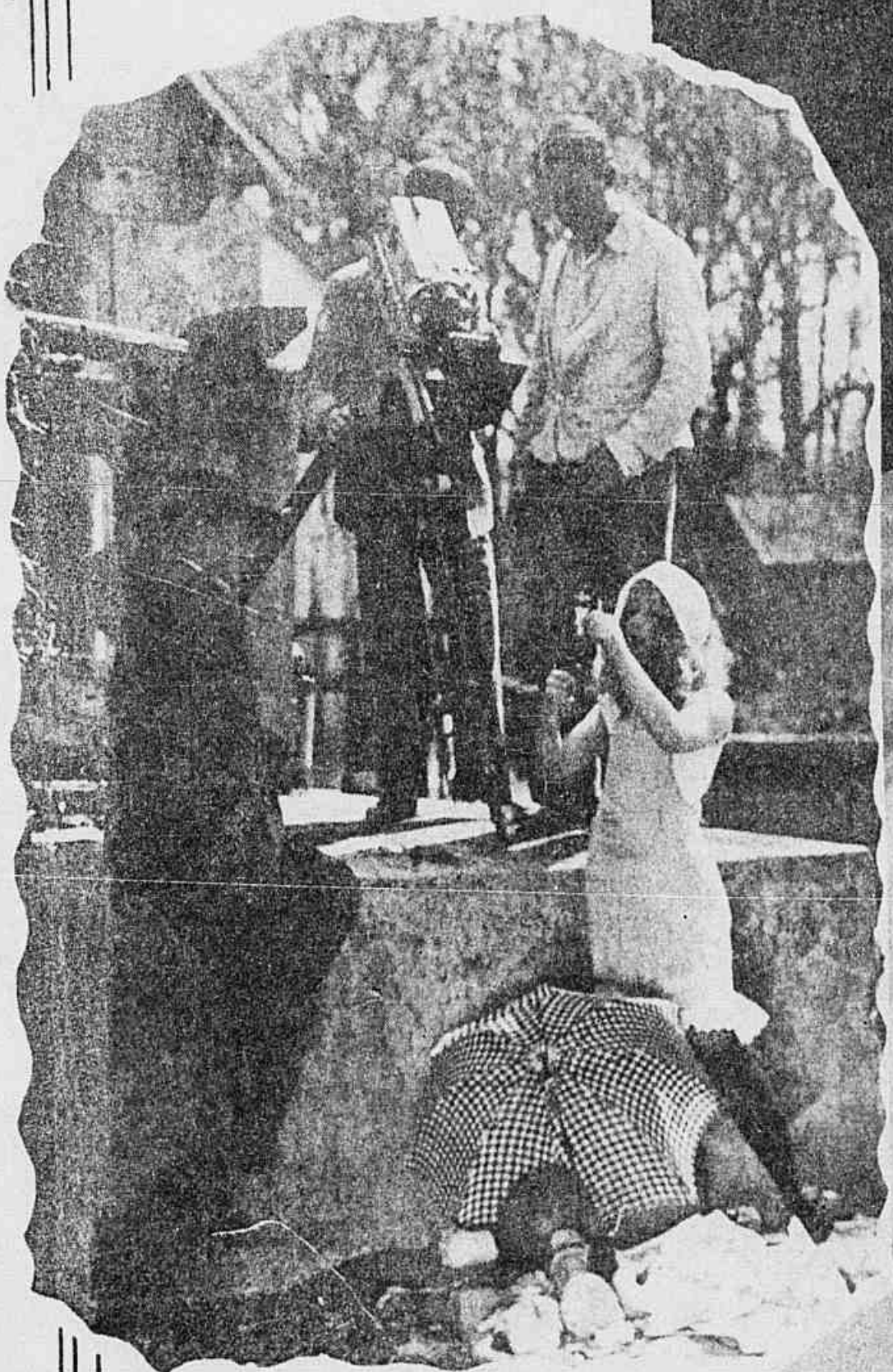
Eu sei, por exemplo, que vocês, leitores, devem estar pensando que logo em seguida ella me offereceu algum licor, não é? Pois foi chá! Parece que foi chá... Como já dei a entender, eu estava no ar, não sabia o que fazia, não me lembro! Aquella mulher, dos "stills", além de vir pregar susto na gente ainda vem me apresentar assim de repente, de cara, a Carol Lombard! Afinal, não tinha dito uma palavra. Carol tambem estava muda.

As estrellas agora falam tanto no "set" (montagem!) e passam o dia a bisnagar a garganta com uma porção de drogas que depois, ficam cansadas.

— Bem, Miss Lombard, comecei eu, com os meus dois dedos feitos perninhas de boneca, a andar pelo braço da poltrona, conte-me qualquer cousa original a seu respeito...

Carol tirou o cigarro da bocca, deu duas voltas com a fumaça pela garganta sorriu e moveu assim a cabeça para baixo e para o lado, e depois, com o esforço que Janet Gaynor faz para falar nos films, respondeu-me:

— Que posso dizer? E quedou-se muda, outra vez. Eu já estava com a impressão de que estava numa daquellas cadeiras enormes que apparecem nas photographias de publicidade...

Mas, depois, calmamente, sorvendo o seu chá, gole a gole, disse-me:

CINEMA

FRANCEZ

NOVO FILM DE

ALBERTO CAVALCANTI

"LE PETIT CHAPERON ROUGE" COM CATHERINE HESSLING E ODETTE TALAZAC

Pergunte-me Outra

PAPAGAIO (Rio) — 1°) F. N. Studio Burbank, Cal. 2°) "Lilac Time" e "Why Be Good". 3°) Já temos publicado algumas. 4°) Não é preciso enviar dinheiro, já tenho repetido innumeras vezes.

J. MARTINS (Rio) — Somente os films assim, que estão sendo exhibidos. E depois, é preciso ficar um do outro lado para se estudar melhor a situação, não é? Você mesmo na sua carta, cita innumeras inconveniencias. De facto não era exploração, apezar de ter havido muitas irregularidades, algumas naturaes num caso como aquelle. A exploração deu-se lá e depois você comprenhenderá porque. Quem falou lá, foi o Pedro Lima. "Cinearte", a 4 mil reis, mensal? Vamos pensar.

VIRGILIO BRAVO SILVA (Porto, Portugal) — Lia Torá, Brazilian Southern Cross, Tec Art Studio, Melrose Ave, Hollywood, Cal. Para ella não precisa a norma que deseja

E' possivel que "Sangue" e "Barro" appareçam ahi. Ja ha negociações para isso. Pode enviar, obrigado.

F. MARTINS (Ilhéos) — Está na R. K. O. Gower Street, Hollywood, Cal.

STELLINHA (Amargosa) — O publico gosta assim... e lá é muito natural, tudo isso. A cores, ainda não vi. Diga-lhe que "Cinearte" collaborará na inauguração. E' carioca e apenas admirador della. Acredito, o mesmo se deu com as cariocas e você deve ser uma dellas! Volte depressa, Stellinha, você tem cada uma!

MOACYR PINHEIRO (Recife) — Alguns delles, serão ahi exhibidos muito breve.

JOSE' RAMON (Collatina) e M. ALMEIDA (Jundiahy) — Já foram mostradas aos tres interessados e archivadas

R. MINUSCULO — Não recebi então. Janet, em 1907 e Sué, 1908. E' o que eu sei. Ambas, Fox Studios, Western Ave Hollywood, Cal. Lia 12 de Maio. De Clelia, não sei. Ambas, Brazilian S. Cross, Tec Art Studio, Hollywood, Cal.

JACK QUIMBY (Rio Grande) — O caso ainda será tratado por "Cinearte". Já sahiram as que tinhamos. Agora, o film já passou. A carta foi entregue ao encarregado da secção.

CHITON (S. Paulo) — Naturalmente, as respostas ainda virão. "Acabaram-se os otarios" está em exhibição no Rialto do Rio. "Saudades", o proximo film da Benedetti ainda não foi começado. Gracia Morena vae ser a estrella. Apresentará um novo galã.

A. M. Faber (S. Paulo) — Impossivel fornecer assim 40 endereços de uma vez. Só costumo responder a cinco perguntas, de cada vez. Diga-me quaes os que prefere.

CONEGITO (Rio) — Ainda não foram escolhidas.

Neil, Paramount Studio Marathon Street, Hollywood, Cal. Olive Borden, R. K. O., Gower Street, Hollywood, Cal. De Sally, não sei agora.

M. G. DE MATTOS (Todos os Santos) — Não enviamos photographias.

L. R. RODRIK (S. Paulo) — Foram archivadas e já foram mostradas aos interessados.

NANNI (R. Preto) — E' enviar photographias.

A. D. R. (Rio) — Foi entregue ao encarregado da "Pagina dos leitores". E' enviar photographias ás companhias interessadas. Louise Brooks. Hayakawa, fez agora um film em duas partes para a Warner Bros, intitulado "The Man Who Laughed Last" com Lucille Lortel.

MANOEL GOMES (Rio) — Para serem examinados, basta somente enviar a synopsis de cada um.

J. DE CARVALHO (Rio) — Mas não costumo enviar assim essas cartas...

M. A. DA PAIXÃO (Santarém) — Sim, mas onde estão as cartas? Não recebi.

J. DRUMMOND (Ouro Preto) — Vae ser publicada, talvez já no proximo numero.

S. ARAUJO (Campina Grande) — Muito obrigado, mas onde viu "Sangue Mineiro"?

J. BASTOS — O que podemos fazer é collar as suas photographias no nosso archivo que é constantemente consultado pelos interessados e de onde tem sahido a maior parte dos artistas do nosso Cinema. Nita Ney, Tamar Moema e tantas outras, foram "descobertas" de "Cinearte".

S. BORGES (Bom Jesus) — 1°) Ainda não foi escolhido. O director será Julio de Moraes. 2°) Ainda não passou aqui nenhum film com este titulo. Qual é o titulo original? 3°) Nenhum. Deixou a Paramount. 4°) Gonzaga.

CINEARTEIRO (Porto Alegre) — John, 1895. Conrad, 16 de Março. Pauline, 10 de Janeiro de 1900. Norma, 1904. E' o que eu sei. E não fale mais em politica.

SCENARISTA (Ouro Preto) 1°) Scena e scena apanhada de longe. 2°) Escurecer e clarear, superpostas. 3°) E' corte mesmo. 4°) Scena bem de perto.

J. BOLTSKAUSER (B. Horizonte) — Muti bem. Qual é o seu endereço? As informações devem ser claras, provaveis, criteriosas e absolutamente imparciaes.

A. C. P. (Joinville) — Cada uma pronuncia de uma forma differente. 8 mil reis.

J. M. REMENTOL (Curityba) — Conforme. Tudo depende. Envie photographias.

L. MORENO (S. Paulo) — E' enviar photographias.

MORENINHA DE OLHOS VERDES (Lisboa) — Quem sabe? Por que não vem ao Rio? Sim, "Alma Camponeza" é passada em Portugal. Os trajes caracteristicos foram confeccionados com grande trabalho pela propria Lia e sua irmã, porque em Hollywood nem sabem que elles existem! "Barro" seguirá para Lisboa.

M. CATÃO (Rio) — Entregamos-lhe a sua carta. Não usamos informar os endereços particulares dos nossos artistas.

J. S. L. (Belém) — 1°) Com toda a certeza. Não ha a linha Paramount? 2°) Ainda não se sabe. 3°) Vão ser publicadas. 4°) Da sua lista só falta "Alta trahição", as outras já foram publicadas. 5°) Ainda está na America e está fazendo uma especie de film natural.

MARINA (Rio) — E' escrever directamente. Cita o nome de "Cinearte", e o pedido será satisfeito mais depressa, principalmente a Ruth Roland, Sue Carol e Nick Stuart.

E. L. DE ALBUQUERQUE (Rio) — Existir, existe, mas hoje está melhorado. Entretanto, ainda ha alguns "Sururu's" serios.

RACHEL (S. Paulo) — A sua carta foi entregue ao Pedro Lima que annotou o seu endereço.

C. EUGENIO (Rio) — Estão archivados, a disposição dos interessados.

AD DE R. CORTEZ (S. Paulo) — Porque não tirou... E' della, sim. Qual é o nome original deste film. Será um da F. B. O., com Elaine Hammersthien já exhibido em Julho de 1926? 22 annos. E você não é... Linda?

BILL HART (Bahia) — Recebi. Envie o seu endereço.

OPERADOR.

DOROTHY BURGESS

O que se exhibe no Rio

CAPITOLIO

O MARTYRIO DE JEANNE D'ARC (Jeanne D'Arc — Societé Generale des Films Producção de 1928 — (Ag. da Paramount).

A JEANNE D'ARC de Carl Dreyer é mais um desses films que de anno em anno enriquece a galeria de obras de arte do Cinema. Como todos os outros tem ligado estreitamente a si o nome do seu realizador. Carl Dreyer é o novo mago das imagens rythmadas.

De tempos em tempos, para quebrar a monotonia da fabricação de films surge uma obra que se annuncia grandiosa e que promette revolucionar a Arte Setima, a Musa do Silencio. Uma obra que, pelo que dizem os seus propagandistas não foi fabricada, mas pensada, trabalhada com o esforço das cellulas cerebraes. Quasi sempre, porém com, as primeiras exhibições todo o barulho pronunciador de grande triumpho cinematico se dilue em mais uma tremenda desillusão. Só de raro em raro o "fan" sae satisfeito com o que viu. Só uma vez ou outra o que lhe mostram em materia de Cinema o satisfaz realmente. Nunca, porém, um desses grandes films corresponde inteiramente ao que delle era de esperar pela reclame que o precedeu. Este ainda não constitue uma excepção nesse particular.

E' verdade que é um film que apresenta uma forma differente. Não é como os outros. Os seus planos são todos grandes. A sua linguagem é toda ou quasi toda em "close-ups". Em compensação, porém, tem os seus defeitos. E defeitos evitaveis. E defeitos vigorosamente combatidos pelos europeus quando notados em films norte-americanos.

Seja lá como fôr, porém, é uma obra digna de figurar ao lado das maiores do Cinema. E' um trabalho que póde figurar ao lado dos grandes films de Carlito, ao lado de "A Ultima Gargalhada", ao lado de "Varieté", ao lado de "A Turba", ao lado de "O Patriota", e ao lado de rarissimos outros.

Não cria uma escola. Por que isso de criar escola em Cinema é asneira deslavada. Abre apenas uma nova estrada para o caminho da perfeição. Põe ao alcance dos cineastas europeus mais um recurso por elles desconhecido até ha pouco.

E demonstra corajosamente aos cineastas de Hollywood a excellencia do primeirissimo plano, que ha annos vinha sendo, por elles empregado a medo. A "Jeanne D'Arc" de Dreyer não estabelece regras, não inventa theorias, não tem pretensões a servir de modelo de Cinema. E' a prova mais eloquente do formidavel poder da imagem encadeada num rythmo certo, e principalmente quando é composta de rostos humanos approximados o mais possivel da "camera". E' um film extraordinario porque o seu valor todo, toda a sua força, todo o seu poder está contido nos seus primeirissimos planos de profundo alcance psychologico.

E' um film que tem uma fórma nova. E uma forma primorosa. Mas a sua lição não poderá ser aproveitada integralmente. Terá que ser aproveitada em parte. Nelle a theoria de Dreyer cabe perfeitamente, porque o seu assumpto a tal se presta admiravelmente. O film não tem uma historia propriamente. Não defende um thema. Traça um estudo psychologico. Narra em imagens incrivelmente analyticas no seu poder de esquadrinhar rostos frios e impassiveis os ultimos instantes de Jeanne D'Arc sobre a terra, a sua tortura physica e moral ás mãos dos inglezes e da Igreja, o seu martyrio cruento que culmina com a fogueira. E tudo isso baseado nos proprios documentos e autos do processo que lhe moveu o fanatismo da epoca.

Mas onde está o drama? Onde pôde Dreyer encontrar material photogenico para construir alguma cousa mais que uma reconstituição fiel com méro valor de documento historico? Eu sei que existe uma copia mais completa do trabalho que procuro analysar. Eu sei que a que aqui exhibiram não é a verdadeira expressão do genio de Dreyer. Já ouvi e li maravilhas dessa outra copia, a que chamam de integral. Sei, por exemplo, que na copia integral o director dinamarquez edificou o seu drama sobre contrastes impressionantes e sobre as perguntas e as respostas durante o processo. Acredito que seja um colosso essa tal copia integral. Mas como a que o Rio viu, e com o Rio o "fan" que assigna estas linhas, foi a chamada copia commercial, que, aliás, de commercial não tem absolutamente nada, é a esta e não áquella que tenho de recorrer para dar aos leitores uma ligeira impressão do trabalho de Dreyer.

Na copia commercial não existe muita substancia dentro da sua forma portentosa. Corre num rythmo monotono e na sua estructura de imagens não ha como era de esperar abundancia de qualidades humanas. São perguntas e respostas feitas nos letreiros e completadas em planos de um poder psychoanalytico tremendo. São pedaços de caras feias, gordurosas, asperas, sem o manto diaphano da maquillagem, que se mostram horrendas de crueldade ou sublimes de bondade e que servem para criar a caracterização da martyr, cercando-a da atmosphera propria. São imagens que obedecem inteiramente a propalada theoria do subjectivismo do artista. Cada qual mais bem composta considerado em si mesmo e na sua relação com o todo. Dreyer não registra um unico plano inexpressivo. Todos têm o seu papel dentro do film. Valem individualmente e como cellulas do film. Têm valor absoluto e valor relativo.

O director nelles, com a carne do rosto do artista e com a sua angulação genial plasmou perfis de carrancas que se não podem descrever. E com os mesmos recursos e mais o genio de Mademoiselle Falconetti conseguiu dar ao mundo a mais perfeita idéa de Jeanne D'Arc. Jamais a santa famosa foi mais bem comprehendida e reproduzida, para o mundo. Jamais, quer no dominio da pintura, quer no dominio da esculptura, quer nos livros, quer no theatro. Jámais! Nem mesmo dentro do Cinema!

A "Jeanne D'Arc" que Dreyer compoz não é a heroina famosa que a gente costuma ver representada em quadros, estatuas, peças theatraes e muitas obras cinematicas. E' uma "Jeanne D'Arc" como a gente sente que existiu realmente. E' uma "Jeanne D'Arc" com feitio de camponia rude, escassamente instruida, com nenhuma confiança em si mesma, sem nem uma scentelha de intelligencia. Uma mulher pura, mas de parca educação. Dura de cerebro, mas com um coração de ouro. Sem a menor particula de experiencia. Ingenua, quasi tola. Mas com o mais profundo amor a Deus. Com o mais puro e acrisolado amor a Jesus. Com a mais illimitada confiança nos seus guias mysteriosos. A "Jeanne D'Arc" que existiu. E' uma combinação de espirito e materia! O corpo com toda a sua grosseria animado pelo mais elevado amor á divindade. O mysticismo mais alto illuminando a materia mais baixa. Ella não tem armas. Não empunha alfanges terriveis. Não tem olhares duros. Não tem gestos de guerreira. Não tem attitudes masculinas.

E' uma mulher. Um trapo humano. Uma martyr resignada que espera chegar a Deus através da morte. Uma pobre condemnada que tem pressa de ver tudo acabado. Uma perseguida da Igreja poderosa. Uma pobre avesita entregue as mãos de algozes todo poderosos e crueis. E' esta a "Jeanne" que foi queimada pela Igreja e pelos inglezes. E é esta a "Jeanne D'Arc" que Carl Dreyer apresenta ao mundo. Fóra do estudo psychologico das acções e reacções que atravessavam o espirito da santa durante o seu julgamento, fóra dos formidaveis planos que de passagem apenas descrevem o temperamento, o caracter, a hypocrisia, a crueldade, o fanatismo e a pouca convicção dos seus algozes, fóra ainda a impressionante sequencia da execução em que tambem uma admiravel pagina cinematica é mostrada, nada mais tem o film.

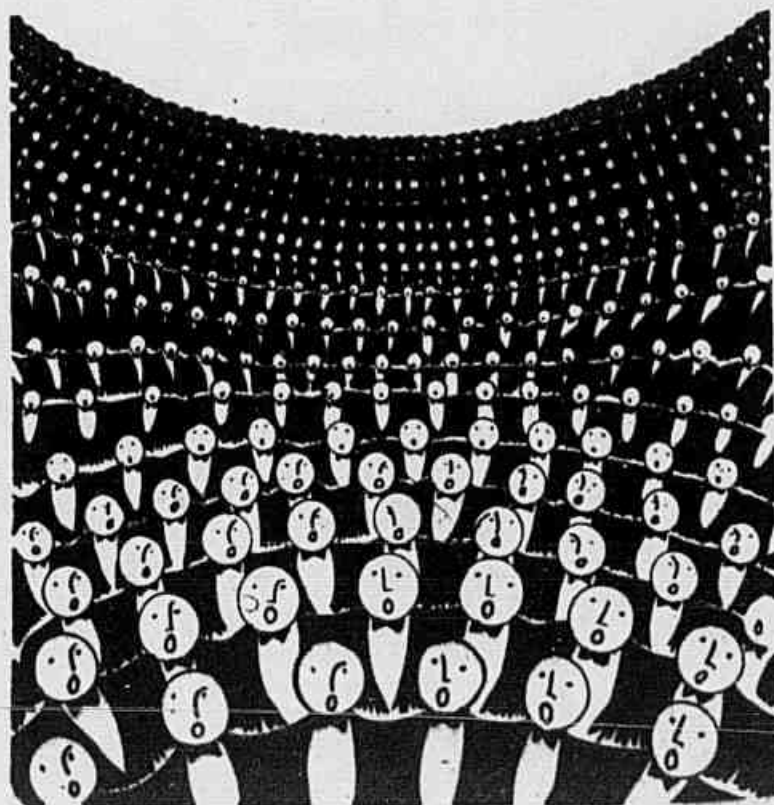
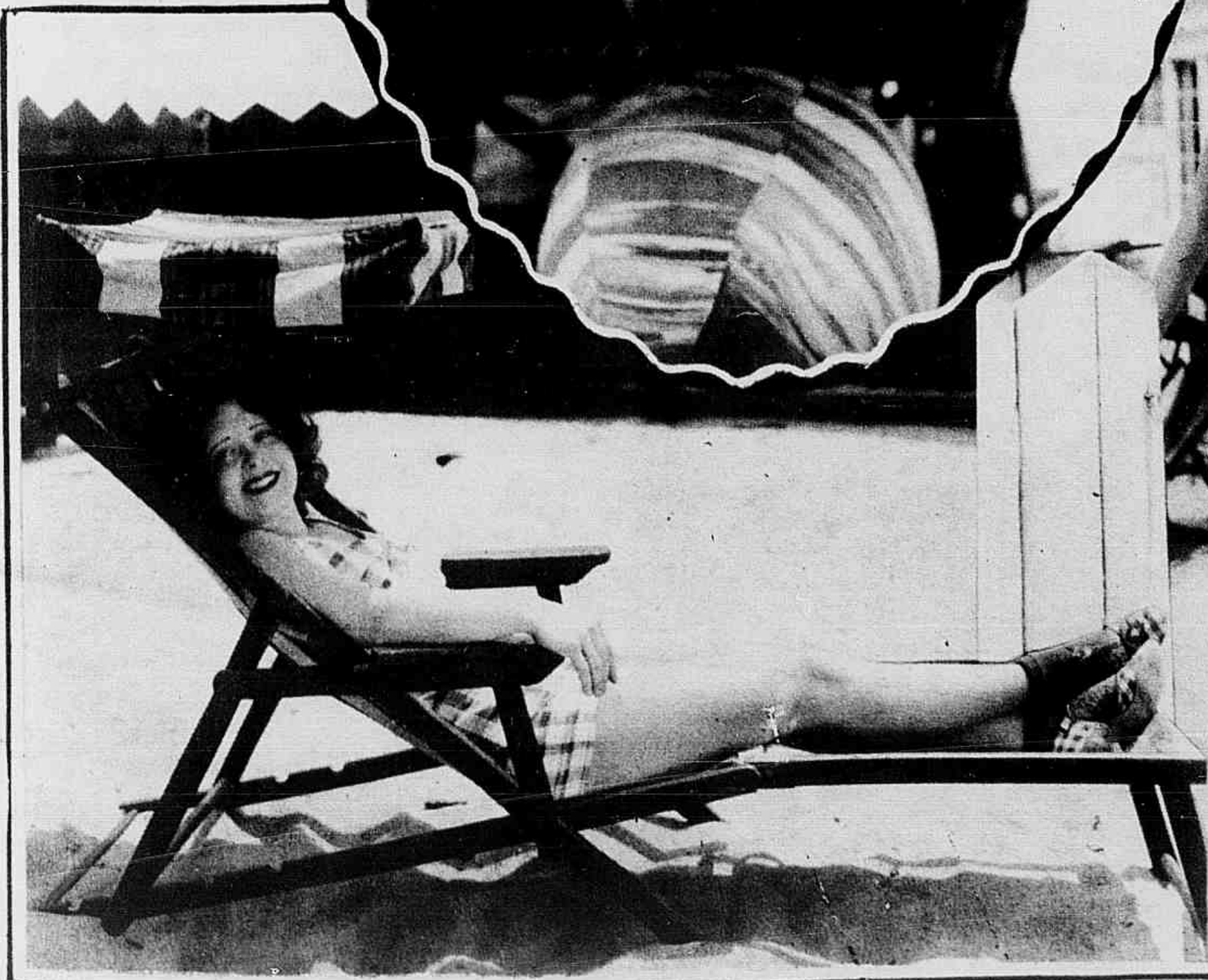
Querer descobrir mais na versão, que exhibiram aqui, é querer demasiado. Aliás o que o film tal qual é na "copia commercial", contém é sufficiente para emocionar qualquer "fan". A sua só fórma seria sufficiente. Tanto mais quanto ha aqui o estylo incomparavel de Carl Dreyer. O seu modo de apanhar as cousas e as pessoas. A sua maneira de plasmar expressões no rosto dos artistas. Os detalhes profundos com que pontilha o film todo. O rythmo que imprime á acção.

Em todo caso atrevo-me a accusal-o de director pouco humano. Elle preoccupa-se muito com a forma. Ora elle faz a gente penetrar no seu pensamento, ora deixa a gente insensivel com o que vê. Talvez sejam defeitos provenientes da reducção de que foi victima a sua obra. Reducção aliás imbecilissima. Porque reduzir um film de Stroheim de quarenta partes admitte-se. Mas reduzir um primor de dez partes para o transformar num quasi aleijão de sete partes é burrice, que nem os norte-americanos são capazes de fazer...

Mas o que não é defeito da reducção positivamente é a falsidade das montagens. Parece que Dreyer explicou aquellas paredes monotonamente brancas dizendo que o que lhe interessou mais e o que mais deve interessar aos amantes do Cinema não póde passar da narração dos acontecimentos e da exposição dos estados d'alma das personagens. O resto, as montagens, os fardamentos dos soldados, as vestes dos camponios e dos assistentes do supplicio não interessavam. Assim explicou elle... Mas quem sabe que não foi antes uma questão de economia? Aliás, a censura e a falta de recursos são dois alliados do Cinema. Não é a censura que muitas vezes obriga o cineasta a mostrar de uma maneira intelligente, velada e discretamente, com sophisma, uma scena escabrosa? Não foi a economia que obrigou Chaplin a mostrar apenas a sombra de um trem em "Casamento ou Luxo?"?

Aqui, entretanto, o caso é differente. A deficiencia existe. Não foi compensada com um recurso cinematico. Emfim serve para tapar a boca aos que atacam estupidamente os deslises de Historia do formidavel film que é "O Patriota".

Os letreiros são numerosos. Abundantes mesmo. E na sua maioria evitaveis. Alguns são até injustificaveis. Emfim serve para provar que ha Cinema mesmo com letreiros e contrariando "in totum" as theorias que Murnau

(Termina no fim do numero).

Zomba.. Zomba... Clara Bow...

Emquanto

(WHILE THE CITY SLEEPS)

FILM DA METRO-GOLDWYN-MAYER.

Daniel, LON CHANEY; Myrtle ANITA PABE; Marty, CARROL NYE; o "Caseiro", WHEELER OAKMAN; Bessie, MAE BUSCH; Dona Clara, POLLY MORAN.

NOVA YORK! — Um mundo numa cidade, onde ha dezesseis mil homens escolhidos, promptos para o que dér e viér, que protegem seis milhões de pessoas, e onde existe, ainda, a outra especie de policia, desconhecida do publico, que protegem mas odiados e temidos pelas quadrilhas de scelerados: os inspectores de segurança.

Dentre essa legião de inspectores, examinemos Daniel, por certo um dos mais velhos na tarefa. Pautava-se sua conducta na dedicação ao serviço que consumia as horas de sua vida. Ora neste proposito, ora naquelle, hoje procurando descobrir quem matára fulano, amanhã na necessidade de expôr-se a serios perigos deante de uma quadrilha para a qual a vida de um homem da lei nada representa, elle era bem uma dessas creaturas a quem as mais douradas illusões já não provocam devaneios.

O "Caseiro", um dos mais audaciosos criminosos do Bowery, era, agora, a maior preoccupação de Daniel. Decidido no proposito de prender o terrivel "Caseiro", elle se expõe aos maiores perigos, com a sua calma e o seu modo de saber agir. Qualquer dos movimentos do criminoso era notado pela sua argucia, e mui especialmente desde o dia em que o "Caseiro" procurou insinuar-se no espirito de Myrtle, uma encantadora pequena cuja casa Daniel frequentava como amigo dedicado e respeitador. Myrtle chegara, mesmo, um dia, tão encantadora e candida era, a provocar-lhe certos pensamentos, que elle repelliu porque já não se achava em condições de pensar em amor... Mas o certo é que o "Caseiro", com toda a sua tremenda falta de honestidade, toda a sua desfaçatez, procurava conquistar Myrtle, e além da pequena, Marty, o rapaz que a moça amava, e que, por ella, seria capaz dos maiores sacrificios, mormente se o "Caseiro", com as "facilidades" de seu "officio", lhe lembrasse certos lucros muito pródigos e rapidos...

Naturalmente, os conselhos e a vigilancia de Daniel foram mal recebidos por Myrtle; moça, vaidosa, travessa, Myrtle vê no cuidado e na dedicação de Daniel uma tutela incommoda e intrusa. Marty, por seu lado, acha que o "Caseiro", com sua "amizade", era preferivel aos conselhos do avelhantado Daniel. Este, entretanto, tinha sobre o gatuno dois

A Cidade Dorme

propositos que dominavam e absorviam todos os seus pensamentos: livrar o joven par, da influencia tão malefica e provar, em alto e bom som, ser o "Caseiro" o autor da morte de certo joalheiro que fôra encontrado sem vida, no chão de sua loja, certa noite...

Intelligente, com a pratica necessaria ao "metier", não foi difficil a Daniel saber, por intermedio de Bessie, uma infeliz mulher victima do "Caseiro", não foi difficil saber, por isso que ella se encontrava enciumada, que fôra elle proprio o assassino do joalheiro. Capturado o bando do "Caseiro", e elle proprio tambem preso, a justiça houve por bem, entretanto, dar-lhes liberdade por falta de provas completas. Succedeu, porém, que ao sahir do tribunal, Daniel teve a maior das surprezas: encontrou morta, sentada n'um automovel á porta daquella casa da justiça, Bessie, assassinada por designio do "Caseiro", que se vingara da confissão que ella fizera! Entrementes, Myrtle, que se sentia perseguida pelo bandido, refugia-se em casa de Daniel. Pede-lhe protecção. Sente que só em sua companhia poderá sentir-se guardada, livre da influencia daquelle homem. Daniel sente, mais uma vez, então, que ama Myrtle, mas silencia esse sentimento. E Marty, decididamente entregue ás "operações" do grupo de Daniel, vê-se seriamente embaraçado certa noite, quando, no momento de um roubo, é aprisionado por Daniel, que, bondoso, impede que elle seja preso mas ensina-o severamente.

Certa occasião, Daniel não consegue esconder seu amor por Myrtle; confessa-lhe que a ama; porque muito devia á dedicação de Daniel, concorda em ser sua esposa, mesmo porque, tal como dizia Daniel, Marty estava longe, cumprindo uma pena.

Chega o dia, porém, de Daniel conseguir capturar o "Caseiro" e todo o seu grupo, de posse como estava elle, agora, das mais eloquentes provas. E' grande, nessa occasião, a sua alegria; realizara a sua maior ambição, mas fere-o uma grande tristeza,

(Termina no fim do numero).

O Cantor de Jazz

(F I M)

plausos. Elle nunca mais poderia voltar ali. Em casa o velho Rabinowitz explicou á esposa:

"Eu ensinal-o-ei a não usar a voz em tão baixos mistéres. Elle será um cantor sacro".

Segurou Jakie por um hombro e levantou a mão, mas Sara parou o golpe.

Jakie agora olhava-o corajosamente: "Si o senhor tornar a bater-me eu sahirei de casa".

Foi peor. Minutos depois elle despedia-se de sua mãe.

Dez annos depois num pequenino restaurante de New York o nosso Jakie ultimava as preliminares de um novo contracto que muito significava para si. Feito o que subiu ao palco e abriu a voz Jack Robin era o seu novo nome. Cantou como nunca essa noite. Era um novo auditorio — mil opportunidades o aguardavam. Ou talvez que a razão de tanto brilho estivesse em dois lindos olhos azues que o não deixaram um só instante. Dois lindos olhos azues, um rosto divino e um sorriso seductor.

Todos os artistas conheciam Mary Dale pelo menos de vista. Buster amigo de ambos fez as apresentações.

"A sua voz tem um encanto especial" — disse-lhe ella.

"Você canta *jazz* de um modo differente, com uma lagrima".

Jakie dirigiu-lhe um olhar cheio de gratidão. Após tantas lutas tremendas com a indifferença de quasi todos era confortador ouvir palavras assim da bocca de Mary.

Mary porém não ficou apenas no elogio. Foi mais além"... e si você apparecer amanhã no Orpheum eu terei muito prazer em apresental-o ao gerente de contractos".

Em casa de seus paes o tempo passára sem promover modificações. Seu pae desesperava-se por não encontrar um cantor sacro capaz de cantar com o sentimento e a alma do seu Jakie. Mas não cedia um passo na sua resolução de não tornar a procurar o filho.

Naquelle dia porém o seu espirito estava mais preoccupado do que de costume. E' que horas antes soubera que o seu filho cantava num theatro do Oéste.

Sara sabia que elle queria o filho mais do que nunca. Mas tambem sabia que não haveria de ceder uma linha custasse o que custasse. Emfim o que a consolava era o que lhe mandara elle dizer na sua ultima carta. Viria muito breve para New York e far-lhe-ia uma visita ás escondidas.

Na noite do dia seguinte emquanto o velho Rabinowitz ia para a sua aula domingueira, Sara cosia proximo á janella. De repente um homem surgiu na porta. Um homem com os braços estendidos na sua direcção. Um homem que dizia: "Minha mãe!"

Que maravilhosas horas! Jakie contou-lhe tudo. Especialmente o seu namoro com Mary Dale que estava em New York. Mary era um anjo. Ella precisava conhecel-a. Mas não era judia — faria alguma differença? Certamente que não! E' verdade, mamãe não quereria vel-o e ouvil-o num de seus *numeros* de cantor de *jazz?*

Talvez que as cousas tivessem caminhado de outra maneira si elle não se lembrasse de cantar — o facto é que quando o seu pae chegou e escutou a "musica peccaminosa" como elle a chamava estava, pallido e transtornado de cólera.

"Eu ensinarei o meu filho a cantar para Deus— e não para o diabo!"

"Oh! meu pae. Agora que eu estou de volta..."

"Agora que você está de volta ainda está no mesmo estado. A principio cantava á beira das calçadas — depois nas cervejarias — e agora nos theatros!"

Jakie beijou sua mãe e sahiu. Não havia cousa alguma para si em sua casa após tantos annos de ausencia. Voltou para o theatro onde encontrou a sua adorada Mary.

Ao jantar tentou agradecer á moça.

"Nunca poderei pagar o que você acaba de fazer por mim, Mary, eu tenho escutado dizerem tantas cousas bôas de você que sinto que vou enlouquecer de felicidade..."

Mary respondeu promptamente: "Eu tambem estou louca por você".

Elle sentiu-se perturbado por um curto instante — mas disse: "Você não sabe o que eu quero dizer. Quero dizer que a amo — que desejo casar-me com você".

"Pois é isto mesmo o que eu entendi".

Jakie ficou louco de alegria. Sentiu que precisava tornar-se digno de Mary. No ensaio convenceu-se de que aquella era a sua ultima opportunidade para aperfeiçoar a sua voz. A' noite, elle deveria cantar como nunca cantára em toda a sua vida. Preparava-se para applicar a rolha queimada no rosto quando lhe annunciaram uma senhora. E emquanto a visita não entrava, continuou a sua maquillagem.

Era sua mãe! Nunca que elle a poderia esperar em tal logar!

"Jakie — suspirou ella — seu pae está moribundo e não ha ninguem capaz de cantar *Kol Nidre* hoje á noite. Elle queixa-se de que não poderá servir a Deus porque o seu unico filho canta num theatro..."

Foi uma ardua luta para Jack Robin. Aquella noite de estréa significava tudo para elle. Entretanto chamaram-n'o para o ensaio. Sua mãe escutou-o de uma frisa. E pensou: "Ainda é o mesmo Jakie — com um soluço na voz, tal qual como costumava cantar na synagoga".

Uma hora mais tarde Jack chegou á casa. Apertou a mão do medico e disse-lhe qualquer cousa em voz baixa.

O medico sacudiu a cabeça. Quando elle sahiu, Mary e o productor, Harry Lee, entraram. Jack tinha que cantar no palco á noite. Si não o fizesse o fracasso seria tremendo.

Mas Jack repentinamente tornara-se Jakie Rabinowitz. Havia uma lagrima escorrendo no seu rosto quando elle olhou Mary supplicando-lhe com os olhos que o comprehendesse. E emquanto Lee insistia no seu proposito Sara chorava silenciosamente, pedindo-lhe que cantasse na synagoga.

Mary disse a Jakie, com o olhar, que comprehendera. Ella e Sara minutos depois sentadas ao lado do moribundo escutaram a sentida voz de Jakie cantar *Kil Nidre* na synagoga. O velho sorriu e apertou a mão de Sara. Podia morrer em paz com o seu Deus agora.

Fechou os olhos. Era o fim. E fim, feliz porque só Mary e Sara sabiam que aquella era a ultima vez que Jakie cantava numa synagoga.

Meia hora depois Sara e Mary choravam commovidas num theatro pejado de gente que ali fôra rir e chorar com as canções do famoso Jack Robin.

De Hollywood para Você...

(F I M)

serão incluidos no elenco. Se um beijo valesse um dollar, hoje, se não estivesse rico, estaria pelo menos... com alguns dollares. Outro dia Jean Darling deu-me tantos beijos... não contei, porém durante trinta e cinco minutos que viajamos juntos e eu a trazia ao collo, ella não parou de beijar-me.

A Warner Bros tendo já seu programma de 1929-30, prompto, vae fechar o Studio por alguns mezes.

Depois que Clara Bow ficou noiva, ella apparece mais frequentemente em publico. Com o noivo está claro. Outra noite a vi no Rooselvelt Hotel, e trazia umas flores vermelhas em seus cabellos da mesma côr...

Até parece que ando perseguido por ella. Ou ella que anda sendo perseguida por mim? Vejamos. Todo logar onde vou, encontro com Doris Dawson. Se estou num "opening", é certo encontral-a. Se janto no Brown Derby ou no Montmartre, ella tambem está jantando. Se vou ao correio, ella tambem, e quasi sempre sou eu quem lhe empresta um lapis ou a caneta de tinta.

E note, não nos conhecemos ainda.

Terça-feira fui ao Ambassador. Sharon Lynn dava um jantar. Em sua mesa estavam Jack Mulhall, Hal Roach, e quatro caras desconhecidas para mim, e naturalmente para você tambem. Em outras mesas, num só grupo, estavam George Bancroft, Charles King, Polly Moran, Fannie Brice, Owen Moore, Harry Graen e George Carpentier.

E assim por deante.

Agora uma nova.

Ha dias assisti na Warner Bros, fazerem uma filmagem completamente no escuro, e sem cameras. Como? Isto é innovação do George Fritzmaurice no film "Tiger Rose".

Tres microphones, e como digo, sem machinas. As luzes eram communs, por consequente, insufficientes para a scena. Era luz bastante para que o director pudesse ver os artistas. E só.

A scena era em um quarto de dormir. Justamente na hora que Lupe Velez vae para a cama e apaga a luz, fica tudo escuro... Nesta scena, somente o microphone diz a historia, porque fita não tem... isto é, tem fita, porém a parte é projectada como sendo velada... tudo escuro...

Chega por hoje?

Antes de fechar este, dei um pulo no Roosevelt e vi o George K. Arthur num jantar de despedida. Elle vae dar um passeio a Europa. No mesmo logar estavam o Raoul Walsh, Harry Richman e Joseph Schenck.

Emquanto isto, na First National, vi na tarde do dia seguinte, Kathryn Williams, Pauline Garon, Olive Borden, Lois Wilson e outras, numa farra formidavel... todas tomando sorvete...

O cavalleiro real

(F I M)

que começaram a pôr em pratica os seus planos. Entre Dick Scott e os seus homens e o primeiro ministro e os seus apaniguados, começou a travar-se a luta tremenda, difficil e desigual, pois emquanto o artista dispunha de 10 homens o outro dispunha de 3 vezes mais.

Mas a sua bravura e o heroismo dos seus homens bem que evitava se consumasse o plano do primeiro ministro, desenrolando-se uma serie de peripecias, as mais movimentadas e arrebatadoras, com lances apavoradores e tudo num desenrolar profundamente dramatico.

Quando tudo parecia perdido, finalmente, e o primeiro ministro já carregava o Rei para o triste destino que lhe preparara, chegou o reforço pedido por Dick Scott que conteve a furia dos inimigos, dominando-os.

O Rei, passados os primeiros instantes de emoção pensou em dar uma generosa recompensa ao seu salvador, lembrou-se de suas riquezas, pensou nas pedrarias do thesouro real, imaginou como Dick Scott não seria um genial primeiro ministro. Mas comprehendeu que tudo isso devia ser pouco para compensar tanta lealdade e bravura, e achou melhor offerecer ao bravo artista, a mão da linda Ruth e o melhor thesouro do seu reino.

BARROS VIDAL

(*Especial para CINEARTE*)

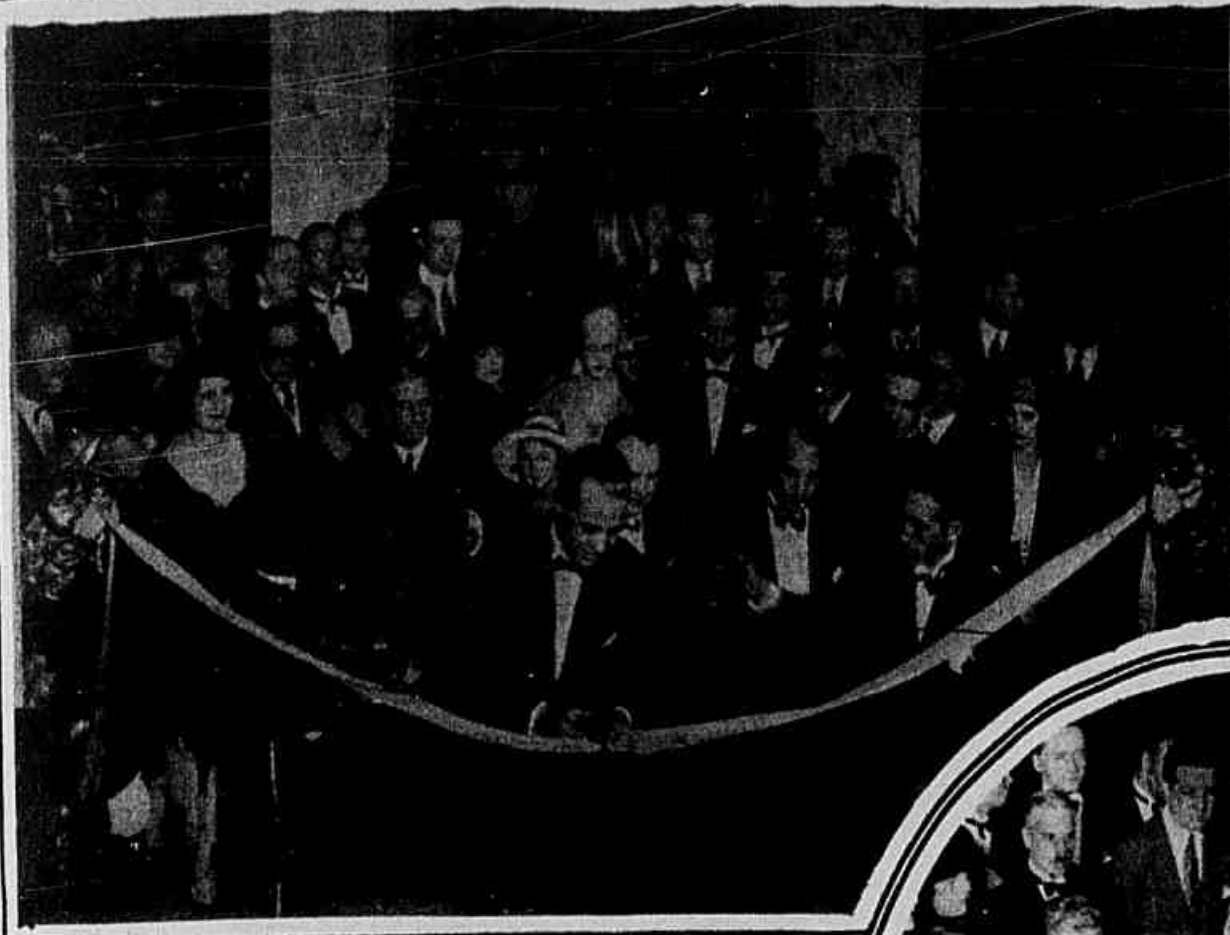
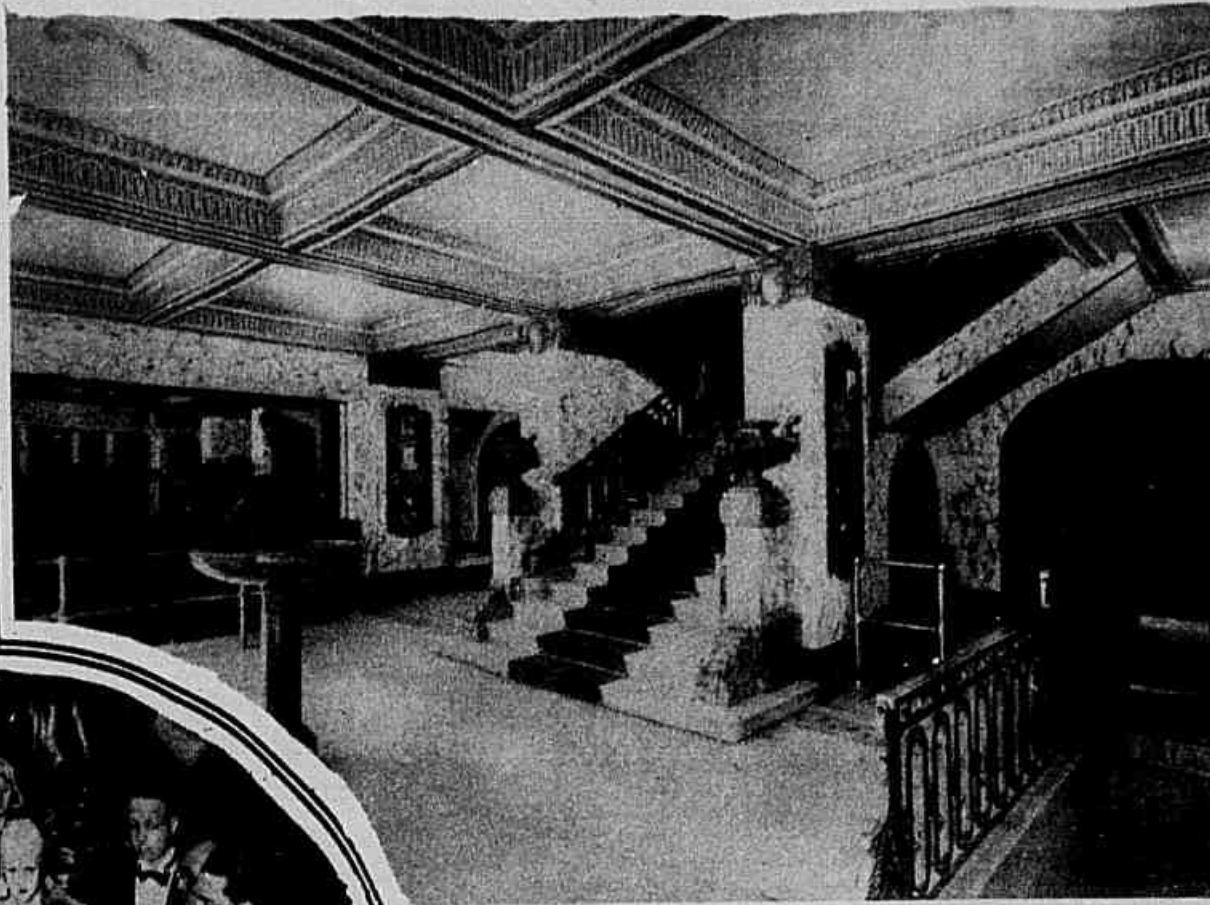
Emquanto a Cidade Dorme

(F I M)

quando verifica que era impossivel o seu casamento com Myrtle; era a Marty que ella amava, só a Marty. Comprovou-o quando viu como chorava Myrtle, quando tornou a ver Marty, já agora um rapaz regenerado.

Um sacrificio, porém, já não seria impossivel para seu coração.

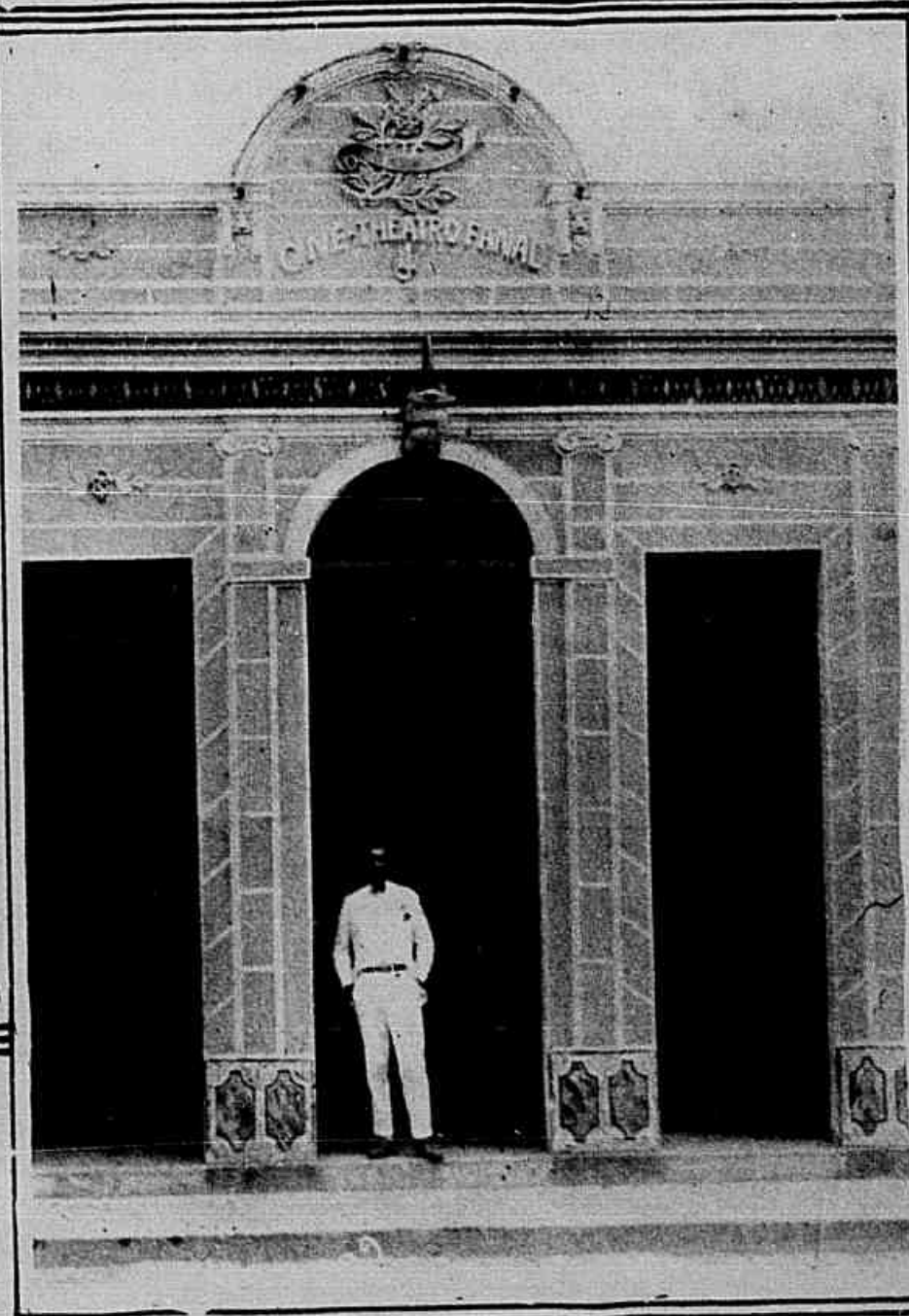
Uniram-se, felizes, jovens, cheios das melhores esperanças, Myrtle e Marty. Elle seria da vida de sempre, entre a legião de homens que velam pela segurança de seis milhões de pessoas.

WALDEMAR TORRES

Aspectos da inauguração do C. Rosario de S. Paulo; vendo-se o Prefeito Pires do Rio cortando a fita.

Um aspecto do hall. Ao lado, Generoso Ponce, falando em nome da Empresa Martinelli.

O Ideal Cinema de Pinheiro e o seu proprietario, Benedicto Honorato.

Cinema Itaúnense, de Itaúna, Matto Grosso, da Empresa Hercilio Gonçalves.

Fachada do Pathé Palace do Rio no dia da estréa de "Mulher Enigma".

CINEMAS E CINEMATOGRAPHISTAS

O Cinema Fanal de Piassabussú. Alagôas, e o seu proprietario João Lobo Barreto.

O Cordeiro e o Gato do Matto

(F I M)

ptos cinematographicos e, sem embargo, capaz de actuar a correcção e a naturalidade de quem, além da sua competencia, estava habituada a mover-se diante da camara.

Momentos depois, quando ella sahiu da scena para o seu camarim, fôra-nos apresentada de maneira inteiramente casual. E qual não foi a minha surpresa quando, ao ouvir o meu nome, ella se precipitou para mim e me abraçou. E' que alguem lhe enviara do Mexico um jornal que publicara o meu alludido artigo, e ella se sentia tão agradecida de que um estranho a julgasse de forma tão lisonjeira e desinteressada, que, segundo me disse — embora eu não me sentisse muito convencido — acabava de enviar um telegramma ao jornal pedindo o meu endereço, afim de me levar os seus agradecimentos.

Faz isso um par de annos e, no emtanto, ainda Lupe se lembra do facto. E isso em Hollywood...

Nesse espaço de tempo, Lupe se elevou de varias formas. Além de haver triumphado na téla — tanto muda como scnica — tem representado pessoalmente como cançonetista e bailarina em innumeros theatros de importancia, desde Hollywood até New York, sempre muito applaudida em toda parte. De noiva de Dick Jones — com idade bastante para ser seu pae — passou a noiva de Sary Cooper, que é um dos rapazes mais estimaveis da Cinelandia; e entre estes dois extremos provou toda a sorte de flirts: com Al Jalson (hoje casado com outra), com Ben Lyon (actualmente noivo de Bebe Daniels), com o casado Tom Mix, etc., etc., etc.

Lupe veste-se hoje com mais elegancia do que quando chegou a Hollywood. O seu automovel é de classe superior — muito superior — ao que ella possuia, quando começou a fazer comedias para Hal Roach. A sua casa, em Laurel Canyon, é algo mais cara do que a que ella habitava naquella época, em Culver City. E não satisfeita de estar vivendo em casa alheia, Lupe Velez acaba de comprar em Beverly Hills uma, aliás, melhor do que a em que reside actualmente e que, uma vez toda paga, lhe ficará por uns cem mil dollares.

— Quando eu me "mueva", o que será dentro de um mez, darei uma "party" na qual faço questão da sua presença — fala-me a mexicanita na linguagem americanizada dos de lingua hespanhola nos Estados Unidos.

Um tanto receioso de que ella haja tambem modificado, nesse par de annos, as suas disposições para com os seus favoritos dos outros tempos, arrisco-me a perguntar-lhe:

— E, como está Meliton?

Gary solta uma risada; mas Lupe, mais séria do que uma batuta, me assegura que Meliton está perfeitamente bem e é tratado com a mesma solicitude de outr'ora.

— Quem é Meliton? Nada mais que um cachorrinho "chihuahueño" que, si tivesse o dom do discernimento como outros afortunados recepientes dos affectos de Lupe, se tornaria insupportavel de tanta vaidade — a vaidade de ser um dos mortaes que mais caricias hajam recebido da pequena potosina.

— O Sr. ainda não viu a "menagerie" que ella tem em casa? — pergunta Gary Cooper. Pois vá vel-a. Vale a pena.

Tartarugas, macacos, cobras e não se sabe mais qualidades de bichos constituem a cohorte domestica de Lupe, segundo me assegura o seu proprio noivo. No emtanto ella accrescenta alguns mais que tinham sido esquecidos.

— E, de todos os seus animaes, qual o preferido? — perguntei á artista.

— Este, diz ella sorrindo, acariciando a mão do seu Gary, que a fita sem cessar, extasiado, inebriado. Como compensação do que acaba de dizer-lhe, Lupe apanha pedacinho da sua torta á francêsa e o leva á bocca de Cooper, que o recebe com a passividade de uma creança que se deixa alimentar pela sua ama, quando está sem appetite.

— E' verdade que está muito gostosa? — pergunta Gary a Lupe. Vamos pedir outra para os dois? Sim, sim.

E chama a servente e pede outra torta á franceza igual á que está a ponto de acabar-se.

— Não seja tola. Você está como deve ser. Antigamente havia momentos em que você parecia um cadaver.

— Magra? Estou até gorda. Vou seguir, creio, algum regimen para me adelgaçar um pouco. a Lupe.

— Não está tão magra como dantes, observo eu

Seu rosto soffreu uma transformação que não tem nada a ver com a gordura. Falta nelle a eterna mobilidade que antes o animava. Ha momentos em que por traz da sua physionomia firme, immovel, se esconde talvez algum pensamento deste jaez: "Não me faças rir, porque isso me faz rugas". E' possivel que a sua massagista lhe tenha aconselhado mais sobriedade de expressão facil, já por ser isso mais conveniente á conservação do distendimento da cutis, já por ser mais distincto esse ar frio que hoje congela o rosto, dantes tão effusivo.

Um cavalheiro se approxima da mesa e, depois de algumas phrases, escreve qualquer coisa num cartão, entrega ao actor e afasta-se. Apenas voltava as costas o intruso, Lupe, tomando uma expressão feroz, apanha uma extremidade do cartão e rasga-o. Mas fica o outro pedaço na mão de Gary, e este o defende, ella exige que o noivo lh'o entregue.

— Não sejas tola, meu amor. Trata-se de um agente de seguros. Apenas um agente de seguros.

E' o quanto basta para acalmar a pequena féra.

— Está ahi alguma coisa que Lupe deve ter aprendido com os americanos, observo eu a Cooper. Porque aqui, sabe-se, a mulher é quem manda sempre.

Cooper sorri, dando, porém a entender: "Isso conforme..."

— Sabe como se chama elle? — me pergunta Lupe. O pequeno gato do matto.

E volvem a contemplar-se — acariciar-se com olhos sorridentes, pejados de recordações e promessas — os dois famosos enamorados, tão differentes um do outro que poderiam servir de thema a uma fabula intitulada: "O cordeiro e o gato do matto".

Falta de camaradagem...

(F I M)

nero de trabalho, que já esqueci tudo"... Estava indo muito bem, adiante.

"Não sei se sabe. Nasci em Indiana, no mesmo logar que deu Buck Jones ao Cinema. Lembro-me bem de que elle brincava de jogar pedras, com os outros meninos, emquanto eu brincava com bonecas. Nós moravamos na mesma rua, e jamais haviamos de pensar que um dia nos encontrariamos em Hollywood, como artistas. Minha familia veiu para Los Angeles, quando eu tinha sete annos, e assim que chegamos, jogaram-me na escola. Mais tarde passei a frequentar escola dramatica, tendo mesmo em creança, representado no palco, diversas vezes. Já estou no Cinema ha mais de quasi tres annos. Logo depois que iniciei meu trabalho no Cinema, soffri um grave accidente de automovel e tive que ficar de cama quasi seis mezes".

Ahi, Carol, já falava mais que uma visinha solteirona.

"Quando fiquei bôa, (Esta Carol, tem cada uma!) ganhei um contracto com o Mack Sennett, onde fiz comedias por um anno. Não era meu ponto fraco, por isso desisti, confiada em meu destino. Sabia que outros artistas estavam sendo famosos, tendo sahido do mesmo Studio. Então pensei, porque não tentar tambem? E atirei-me a procura de melhor opportunidade".

Fui feliz logo de sahida. Na Fox foi onde tive minha primeira experiencia no drama, com a minha parte em "Me Gangster".

Depois, ella fez uma pausa. Comecei a pensar que já fosse o final da palestra e ella percebeu isso.

"Estou respirando um pouco. Faz tanto calor aqui!... Está pensando que sou victrola? Quer mais chá?"

Tive que beber mais um pouco, tive tempo de accender um cigarro e ella continuou...

"Creio em que meu estudo na escola dramatica, serviu-me muito para o Cinema da actualidade. Eu adoro os films falados. Já fiz "High Voltage", "Big News", e agora este "The Racketeers".

E parou mais uma vez. E ahi eu quiz mudar de assumpto parque este negocio de films Sonoros e falados, já está ficando muito "pau"...

— Ouça Miss Lombard, vou fazer-lhe uma pergunta differente de films falados. O que gosta de fazer quando não está trabalhando?

"Que alivio! Pensei que sua pergunta fosse mais indiscreta... Eu gosto de fazer uma porção de cousas... Primeiro. Gosto immenso de dansar. Jogo tennis, Adoro banhos de mar, e nado bastante. Você não gosta? Sou louca para andar a cavallo, e tambem gosto de flirtar um pouco... E' bom, não é?"

— Pensa em casar-se, perguntei?

— Ainda não... eu já falo tanto quando trabalho.

— E Miss Carol já amou?

Ahi chegou o seu director e disse que o seu vestido estava photographando maravilhosamente e... que naturalmente o seu farfalhar estava gravando muito bem etc., etc.

Ora, pode-se ficar calmo numa occasião dessas? E' uma falta de camaradagem!

Assim, achei melhor trata de sahir. Ella ainda me veiu trazer a porta, perguntar se eu queria mais chá, disse o classico"Espero vel-o breve", e fui suhindo com o sorriso mais côr de rosa para ella e o mais amarello para o director...

Mas ainda tive que esperar um pouco e gozar por alguns momentos mais a agradavel companhia de Carolzinha Lombard, para tirar duas photographias.

ORCHIDEAS SYLVESTRES

(F I M)

ao principe que ella amava. Mas quando, á porta do sumptuoso palacio, Sterling toma seu automovel, a mais forte das surprezas illumina seu semblante amargurado: alí estava Lillie.

Era a elle, a seu marido, ao seu homem de negocios que ella amava.

Tudo o mais fôra um capricho, um peccadilho muito feminino, talvez porque um principe insinuante a comparara ás orchideas sylvestres de seu paiz romantico...

WALDEMAR TORRES

HARRY LANGDON CASOU-SE COM HELEN WALTON, EM CASA DE ALICE CALHOUN. O ACTO TEVE LOGAR 24 HORAS APÓS O SEU DIVORCIO...

UNHAS

ARISTOCRATICAS

Pelas unhas se conhecem as pessoas de fino tratamento.

O Esmalte Satan é o preferido pelas mulheres chics. E' empregado e recommendado pelas manicuras dos principaes Institutos de Belleza de Nova York, Paris, Buenos Aires, São Paulo e Rio.

Vantagens do Esmalte Satan:

1° Secca instantaneamente.

2° Não mancha nem racha as unhas.

3° Resiste á lavagem mesmo com agua quente.

4° Fortifica as unhas, evitando que se tornem quebradiças.

5° E' absolutamente inoffensivo, podendo ser usado por tempo indeterminado.

6° Dá um brilho e colorido inegualaveis, que duram por 20 dias.

Peçam Esmalte Satan, nas principaes Perfumarias, Drogarias e Pharmacias.

Nota importante: Devolveremos o dinheiro a quem não ficar plenamente satisfeito.

ALVIM & FREITAS

Caixa Postal 1379 — São Paulo

MIL E UMA NOITES EM HOLLYWOOD

morias que algum dia ha de exhibir a formosa Pola Negri, sem duvida esse capitulo é o da sua prisão... como espiã.

Agora, pode-se já narrar esse lance original de envolta com os que hão occorrido desde que ella abandonou a sua patria.

Filmava Pola Negri em Hampton Roads uma das suas ultimas pelliculas em que desempenhava um papel de mulher galante, internacional e devia internar-se na base aeronaval que ha nessas costas do Pacifico, fingindo espiã. Levava comsigo uma machina cinematographica com a qual, em determinado momento, simularia tirar algumas vistas. Ligeira, começou a sua tarefa.

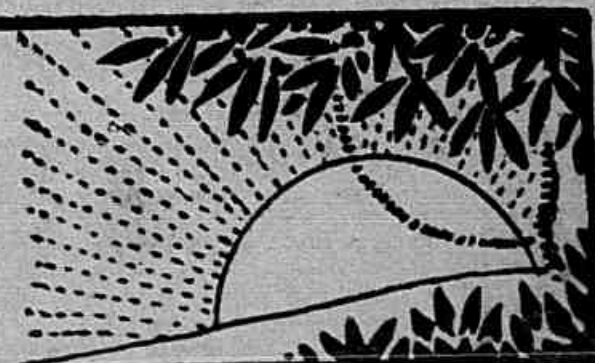
Furtivamente, porém, Pola, a espiã, se interna na base militar seguida a poucos metros do photographo e do seu director. Eis sinão quando lhes surgem pela frente tres robustos soldados, de armas apontadas, dando-lhes voz de prisão.

Até á chegada do commandante da base, os tres personagens permaneceram presos. Depois vieram as explicações, disculpas, etc., e como final imprevisto uma taça de "champagne" que o commandante offereceu em honra dos seus forçados visitantes.

PAGINA DOS LEITORES

(FIM)

gre, Cavalheiro dos Amores, Letra Escarlate, Terra de Todos, etc.

Da United: Robin Hood, Resurreição, Aguia, Filho do Sheik, Noite ...

de Amor, Tres Mosqueteiros, Marca do Zorro, Dom Q, Stella Dallas, Pirata Negro, Orphãs da Tempestade, etc.

Da Fox: Amores de Carmen e Sangue por Gloria .

Da Ufa, então em sua phase aurea: Fausto, Manon Lescaut Dagfin...

A First: Kiki — o Serrador: Miguel Strogoff — a Universal: Sol da meia noite e o Gato e o Canario.

Colossos após colossos... maravilhas que se succediam semanalmente. Não se sabia em que Cinema se devia ir, tão bons eram os programmas.

Acho que não errarei, classificando como os 10 melhores films do anno os seguintes:

1º) Rei dos Reis — Paramount
2º) The Big Parade — Metro
3º) Resurreição — United.
4º) Sangue por Gloria — Fox.
5º) Fragata Invicta — Paramount.
6º) Fausto — Ufa.
7º) Tentação da Carne — Param.
8º) Letra Escarlate — Metro.
9º) Marca de Zorro — United.
10º) Ultima Ordem — Param.

J. S. L.

DE SÃO PAULO

(FIM)

Aborrece. Enfastia. E, por que não dizer? Revolta!

Absolutamente não reconheço o menor merito ao film a não ser a interpretação de Warner Baxter e Edmund Lowe.

CINEMA BRASILEIRO

(FIM)

Seria até uma cousa grandiosa, ... e interessante, ficarmos com o film silencioso... porque elle está mais de accordo comnosco... é suave, é sentimental, faz pensar, é suggestivo é tudo.

E precisamos trabalhar depressa porque os "talkies" que apenas têm constituido uma outra especie de Cinema, depressa tambem se aperfeiçoarão e assim, approximar-se-ão do verdadeiro Cinema collocando a fala convenientemente dosada. Uma phrase aqui e outra ali, como que apenas substituindo os leitores porque a voz nunca poderá formar situação nem jamais poderá constituir attractivo principal de um film, passada a novidade.

Tudo deverá ser feito pelas imagens pelo modo de concatenal-as, com sub-entendimento e suggestão pelo Cinema, emfim.

Não ha mais opinião contra os films falados porque o maior parte do publico não nota a differença do valor porque já não comprehendia o Cinema silencioso, não sabia aprecial-o nem assistil-o as vezes. Não sente falta da verdadeira arte cinematographica porque já não a notara no film silencioso.

O QUE SE EXHIBE NO RIO

(FIM)

em vão tentou pôr em pratica em "Aurora". Depois de Carl Dreyer que é o realizador que mais contribuiu para o successo artistico do film é a extraordinaria Falconetti; Feia, sem maquillagem, sempre com a physionomia contrahida nas vascas do soffrimento moral, ella tem momentos realmente grandiosos .E' imcomprehensivel como os seus olhos dão a impressão de illuminados para um sgeundo depois cahirem num abandono sombrio e inexpressivo. E' verdade que grande parte do valor do seu desempenho é devido á mão do genial director Dreyer. Mas deve-se convir que com outra qualquer o seu trabalho não teria o mesmo valor. Seja lá como fôr o trabalho de Falconetti é daquelles que a gente nota mesmo num film de director como este.

Os outros papeis todos pequenos mas todos trabalho plasmado por

Carl Dreyer estão a cargo de optimos typos. São obra unica e exclusiva da direcção. Os seus interpretes são entre outros M. Silvain, Antonin Artaud, M. Bavet, Maurice Schutz, André Berley, M. Lurville, Jacques Anna e outros.

A photographia é primorosa. O trabalho de "camera" é dos melhores que tenho visto. Ha cada angulo! cada movimento! Tudo empregado com a maxima intelligencia. E como o resto é obra de Carl Dreyer.

O elenco inteiro trabalha sem maquillagem. Não é nenhuma novidade. Depois que o Cinema envoluiu e se tornou uma arte independente o primeiro film em que o elenco deixou de usar maquillagem mesmo antes dos sesquipedaes russos foi "Ouro e Maldição" do grande Strohein. Mas com certeza que não foi para ser uma novidade que Carl Dreyer fez o mesmo. Elle soube tirar partido tambem da ausencia de maquillagem no rosto dos artistas. O effeito conseguido é photogenico.

Vocês não devem perder este film. E' um dos maiores que o Cinema tem apresentado. Mas tambem está destinado a ser um dos maiores fracassos da historia do Cinema.

Cotação: 10 pontos. — P. V.

LEIAM

ESPELHO DE LOJA

de

ALBA DE MELLO

nas livrarias.

"The Saturday Night Kid" é o titulo do novo film de Clara Bow. Edward Lertherland é o director.

卍

No mesmo studio está sendo filmado "Huit Jours dans um port", com Ginette Maddie, Jenny Luxeuil e René Ferté. Jean Gourgnet, é o director.

卍

Jack Mulhall e Alice Day são os principaes em "In the Next Room" da F. N.

卍

JOHN GILBERT JA' VAE DIVORCIAR-SE?

Correm boatos de que John Gilbert e Ina Claire não fazem outra cousa em Paris, do que brigar, Gilbert desmentiu tudo por telegrammas, dizendo que tudo isso era ridiculo e perguntando se os jornaes não podiam deixal-os em paz e os tratassem como pessoas communs, "não teria importancia se fosse verdade"... Mas os boatos continuam. Dizem até que Ina Claire foi a uma festa contra o gosto de John que ficou no hotel. John deixou o hotel! Chegando afinal, momentos depois, Ina não o encontrando, fez o mesmo.

Os direitos de adaptação ao Cinema de "L'Homme invisible", de Wells, acabam de ser adquiridos por uma fabrica franceza. O film terá partes faladas e sonoras.

卍

Estão sendo filmadas nos studios Gaumont, as ultimas scenas de "Ces dames aux chapeaux verts". André Berthomieu, é o director.

卍

"Hallelujah" o ultimo film de King Vidor, foi muito bem recebido pela critica americana.

MUDARAM-SE OS ESCRIPTORIOS DO "O MALHO"

Os escriptorios da Sociedade Anonyma O MALHO mudaram-se para a TRAVESSA DO OUVIDOR, 21, onde serão recebidas, com a attenção de sempre, as ordens de seus annunciantes, agentes e leitores.

As officinas, porém, como a Redacção das diversas revistas desta Empreza, continuam no edificio proprio da Rua Visconde de Itauna, 419, onde sempre estiveram.

CINE THEATRO S. CARLOS

Acaba de ser inaugurado em São Paulo á rua Guaycurùs 123, no bairro da Lapa, o Cine-Theatro S. Carlos pertencente a empresa do mesmo nome.

Installado em edificio especialmente construido para o fim a que vae servir, o Cine-Theatro S. Carlos allia ás suas bellas linhas architectonicas, um conjunto apreciavel de requisitos modernos, merecendo especial destaque, as installações de luz não só do recinto como da fachada.

Dispondo de lotação para 2.500 pessoas, a sala de projecção está disposta em forma de ferradura, o que lhe permitte melhores possibilidades para servir como theatro ou casa de espectaculos congenere.

Registrando a inauguração de mais um estabelecimento deste genero na Capital paulista, "CINEARTE", sempre interessada pelo progresso da arte cinematographica no Brasil, expressa á Empresa S. Carlos os seus votos de prosperidade e agradece o honroso convite com que a distinguiu para a inauguração official.

Hoot Bibson assignou um novo contracto com a "U". Elle comprometteu-se a produzir oito *westerns* todos falados num periodo de um anno. Fala-se que o referido contracto tem escripto numa de suas clausullas: Um milhão de dollars. Sally Eilers será a heroina do primeiro film — "The Long, Long Trail".

Kay Francis que tanto enfeiou "Algema Cruel" tem um papel importante em "Behind the Make up", da Paramount.

卍

N. da R. Marietta Milner esteve em Hollywood recentemente onde chegou a completar um film para a Universal. Os seus dois ultimos films exhibidos no Rio foram "Piratas Mysteriosos" e "Gaiola de Ouro".

Em meiados do mez de Dezembro, nas vesperas festivas do Natal, na imaginação das creanças anda a vôar um desejo, um anseio pela posse dos maravilhosos brindes que Papae Noel guarda no sacco de surprezas. Nenhum brinde, porém, é mais cobiçado do que o "Almanach d'O Tico-Tico". Este anno essa publicação vae exceder, quer na sua confecção material, quer no copioso e educativo texto, a dos annos anteriores. As mais bellas historias de fadas, os mais lindos brinquedos de armar, comedias, versos, historias, lições de cousas, tudo, emfim, conterá o primoroso "Almanach d'O Tico-Tico" para 1930, a sahir em Dezembro.

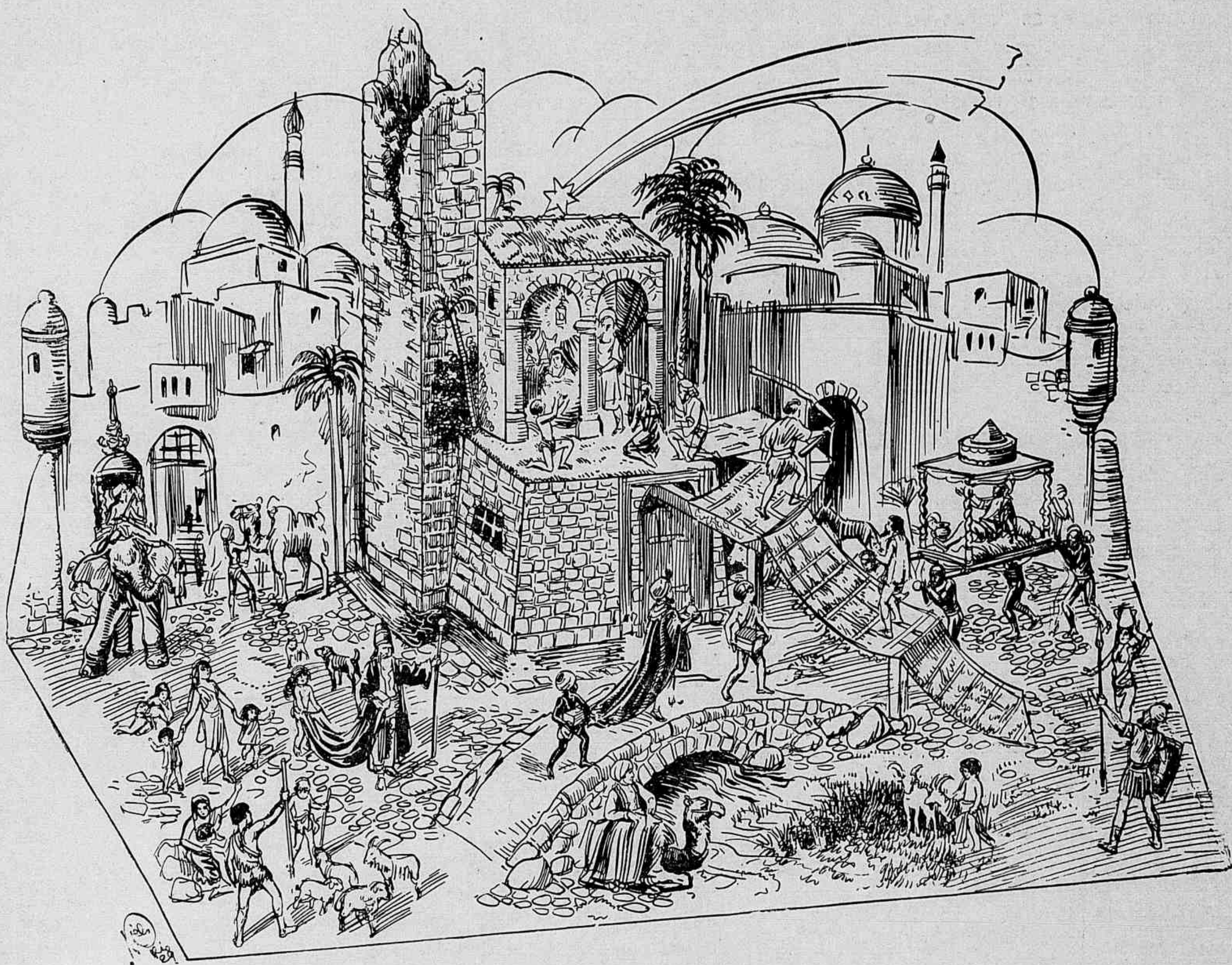
卍

Harry Langdon casou-se com Helen Walton no dia 27 de Julho p.p. em casa de Alice Calhoum, em Hollywood.

卍

"Olympia" de John Gilbert, passou a chamar-se "Cock O' the Walk". O film é dirigido por Lionel Barrymore.

As maravilhosas construcções d' "O Tico-Tico"

O PRESEPE DO NATAL

O maravilhoso presepe que "O Tico-Tico" está publicando em suas paginas centraes coloridas é uma das mais bellas e das maiores construcções até hoje feitas no genero. O modelo acima dá uma idéa do que será esse formidavel conjuncto de figuras que formam a imponente scena do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo. Tão majestoso é o Presepe de Natal que "O Tico-Tico" está publicando, que o importante estabelecimento commercial *A Capital*, na Avenida Rio Branco, reservou uma das suas luxuosas montras para expôl-o á admiração do publico. Os nossos amiguinhos poderão assim apreciar n'*A Capital* o Presepe de Natal d'"O Tico-Tico" caprichosamente armado.

— A *Casa Pratt,* acreditado estabelecimento de machinas registradoras e moveis para escriptorio teve, este anno, a gentileza, que muito agradecemos, de expôr, tambem, numa de suas vitrines, á rua do Ouvidor, o Presepe do Natal, artisticamente armado e disposto com fino gosto no meio de exemplares desta revista.

— Tambem a Companhia Dr. Scholl S. A., luxuoso estabelecimento para o tratamento dos pés, situado á rua do Ouvidor n. 162, quiz offerecer á admiração do publico o Presepe de Natal d'"O Tico-Tico. Assim é que numa de suas vitrines está em exposição, todo armado e colorido, o majestoso presepe, que será um dos successos do mundo infantil neste fim de anno.

Odol

Para se ter dentes bonitos basta usar liquido "Odol" com "Odol-pasta"!

Offs. Ghps. d'O Malho